

SOCIEDADE HISTÓRICA



DA INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL

# Boletim Informativo

PUBLICAÇÃO MENSAL • ANO IX • N.º 108 • FEVEREIRO, 1995 • PREÇO: 200\$00

PORTUGAL  
DMT  
T. PÁG. (L. 32004)  
TAXA PÁG.

AUTORIZADO PELOS CTT A CIRCULAR EM INVÓLUCRO DE PLÁSTICO DE 048495 D.R.C.L.



• **ANTÓNIO MARIA  
FONTES PEREIRA DE MELO**

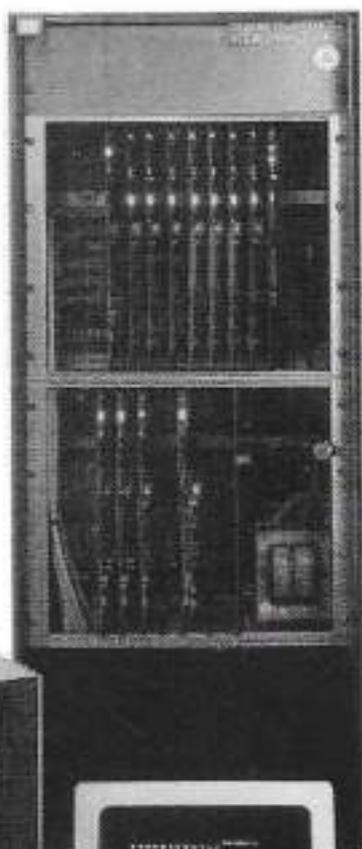
*(Apontamentos Biográficos  
por Manuel A. Ribeiro Rodrigues)* pág. 26

• **ROMAGEM NO TEMPO  
E NO ESPAÇO**

*Poema de Eugénio D'Ascensão* pág. 11

# INTERCONNECT

O MELHOR  
SISTEMA  
TELEFÓNICO  
AO SEU  
DISPOR



A consola de operadora  
é o centro do sistema



## A DAMA INTERCONNECT 200

O Interconnect 200 é constituído por uma gama de equipamentos, cobrindo de 12 a 168 portos. A característica chave desta gama é o conjunto de partes e funções de todos os produtos. Isto quer dizer que, se começar com o pequeno sistema de 12 portos, pode beneficiar das mesmas vantagens, aspectos e facilidades que os sistemas de maior capacidade. Estes factores são conseguidos sem mudar qualquer modo de utilização do sistema, não sendo portanto necessário treinar operadora e utilizadores.



MITEL

SOCIEDADE DE EQUIPAMENTOS DE TELECOMUNICAÇÕES, LDA

Gerência de Jerónimo Ferreira & Filhos

R. do Telhal, 4.º 2.ª Esq. - 1100 LISBOA • Telef. 346 31 97 / 346 84 40 • Fax. 347 73 67



## SUMÁRIO

PONTO DE REFLEXÃO .....	3
NOTÍCIAS SHIP .....	4
ANTOLOGIA .....	25
BIOGRAFIA .....	26
– ANTÓNIO MARIA FONTES PEREIRA DE MELO (APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS)	
GALERIA DE RETRATOS .....	29
ICONOGRAFIA .....	23
– A PRESENÇA PORTUGUESA NO MUNDO	

### CAPA:

ANTÓNIO MARIA FONTES PEREIRA DE MELO (1818-1887)

Óleo sobre tela, madeira entalhada e dourada  
(Museu da Cidade-Lisboa)

### CONTRACAPA:

LOCOMOTIVA D. LUÍS NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1867. JÁ EM 1862 A MESMA MÁQUINA TINHA SIDO PREMIADA NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES

(Litografia colorida sobre papel)

## FICHA TÉCNICA

Fundador: Mestre Dr. Carlos Vieira da Rocha  
Director: General Manuel F. Thomaz Barata

### Conselho Editorial

Secretário: Alberto Reis

Consultor iconográfico e documental: Dr. Manuel A. Ribeiro Rodrigues

Publicidade e orientação gráfica: Jorge Rodrigues

Propriedade:

SHIP

Sede e Redacção:

Palácio da Independência,  
Largo de S. Domingos, 11  
1150 LISBOA

Tel: 341 89 87 / 346 21 67

Fax: 346 07 54

Impressão:

Tipografia da ADEA

Rua Artilharia 11a (Anexo H.M.P.)

Tel: 385 35 93 – 1150 LISBOA

Depósito Legal : 1772

ISSN 9872-2005

Tiragem média: 5.000 Ex.

## PONTO DE REFLEXÃO

Tenhamos o discernimento necessário para reconhecer que o presente nada mais é do que a transição de um passado glorioso a um futuro que desejamos embalar na esperança. Somos os herdeiros de grandes homens que a morte calou e que pedem apenas que os respeitemos pelo muito apego que tiveram à sua e nossa Pátria. Ai de nós, se não ouvirmos o seu chamamento que vem dos túmulos, dos sertões e dos oceanos! Ai de nós, se não sentirmos na carne e no sangue o que representam os seus ossos «pelo Mundo em pedaços repartidos»! Ai de nós, se desprezarmos o ideal que os animou na sua vinculação eterna a Portugal! Porque também um dia seremos passado e a História será implacável no julgamento dos nossos actos. Temos de sentir a gravidade da hora que passa e para que cumpre encontrar as mais enérgicas por serem também as mais justas decisões. Por isso, devemos exaltar a lição dos que ajudaram ao longo dos tempos a erguer Portugal, porque são eles que dão consciência responsável ao nosso presente e nos ajudam a abrir os caminhos do porvir.

(Joaquim Veríssimo Serrão – “A Essência e o Destino de Portugal” pág. 13/14

– Edição da SHIP - 1992)

## PROGRAMA DE ACTIVIDADES DA SHIP

Todos os anos, por força do próprio Estatuto, a Direcção da SHIP apresenta à Assembleia Geral o seu projecto de programa de actividades para o ano seguinte, em reunião expressamente convocada para esse fim e, também, para apreciação do orçamento.

O programa de actividades e o orçamento foram aprovados por unanimidade, aliás conforme já noticiámos. Contudo, porque à Assembleia Geral vêm sempre apenas sócios de Lisboa ou arredores próximos, parece-nos de interesse divulgar pelos restantes associados que não puderam estar presentes, por afazeres ou por morarem longe, quais são os projectos da Direcção da SHIP para 1995. Daí irmos transcrevendo, uma parte de cada vez, do referido documento apresentado, a fim de não tomarmos demasiado extenso cada Boletim.

### 1 - ORGANIZAÇÃO

a) Implementar, progressivamente, uma estrutura orgânica profissionalizada para a SHIP que garanta eficiência e continuidade às tarefas correspondentes às diversas áreas da sua actividade.

b) Adaptar as funções e tarefas dos diferentes membros da Direcção Central às novas realidades decorrentes da expansão das actividades da SHIP e do maior volume dos movimentos financeiros.

c) Apoiar as Comissões e Grupos de Trabalho já existentes.

d) Dinamizar a estrutura regional da SHIP, quer através de presença e apoio da Direcção, quer incentivando aquelas a uma mais íntima e aberta ligação com as Autarquias, sobretudo a da capital do respectivo Distrito.

e) Promover a celebração de novos Protocolos com instituições oficiais bem como com Organismos e Empresas nacionais de grande relevância e, ainda, aprofundar a colaboração decorrente dos já firmados, tudo tendo em vista quer o incremento das nossas actividades quer a rentabilização dos espaços à nossa responsabilidade.

f) Estreitar a ligação da SHIP com as

Academias e outras grandes instituições culturais portuguesas de relevante interesse nacional.

g) Incrementar a ligação da Direcção Central com as Autarquias aproveitando para tal quer a actividade das Delegações quer algumas das acções contidas neste programa.

h) Prosseguir a campanha de angariação de sócios extraordinários.

### 2 - ORGÃOS SOCIAIS CENTRAIS E DE APOIO CENTRAL

a) Elaboração dum projecto para a Sala do Conselho Supremo e, após audição deste órgão, execução da respectiva obra.

b) Informatização da Biblioteca e do Arquivo Histórico do Palácio e preparação para a sua especialização na História de Portugal do século XVII, (período filipino e da Restauração) nos aspectos relacionados com a Independência e Identidade Portuguesa e, ainda, na Filosofia Luso-Brasileira.

c) Manutenção, segurança e conservação do Palácio da Independência, através de um serviço permanente de vigilância e guarda, bem como dos indispensáveis trabalhos de limpeza e beneficiação.

### 3 - MUSEU DA IDENTIDADE LUSÍADA

a) Execução das obras de Restauro da Fonte Quinhentista.

b) Animação do Jardim Setecentista e montagem do recheio da Sala dos Conjurados e da Sala das Portas de Santo Antão.

c) Elaboração do projecto e eventual adjudicação da obra do Restaurante do Palácio.

d) Montagem da exposição permanente dos módulos do futuro Museu da Identidade Lusíada.

e) Beneficiação das instalações de apoio à Secretaria e Sócios.

(continua no Boletim de Março)

## AS ACTIVIDADES DA S.H.I.P. TÊM O APOIO DOS SEUS SÓCIOS EXTRAORDINÁRIOS

- ANA - AEROPORTOS E NAVEGAÇÃO AÉREA, EP.
- BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
- BANCO TOTTA & AÇORES
- BERGANA, GOMES & ALONSO, LDA
- CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
- COLECCÕES PHILAE, S.A.
- COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI, S.A.
- COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, S.A.
- CPP - COMPANHIA GERAL DE CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS — GRUPO TOTTA
- CTT - CORREIOS DE PORTUGAL, S.A.
- EID - EMPRESA DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA ELECTRONICA, S.A.
- EPAC - EMPRESA PARA AGROALIMENTAÇÃO E CEREALIS, S.A.
- FOC ESCOLAR - MOBILIÁRIO E EQUIPAMENTO PARA ESCOLAS, S.A.
- FLAD - FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA PARA O DESENVOLVIMENTO
- FUNDAÇÃO MACAU
- FUNDAÇÃO ORIENTE
- IMPRENSA NACIONAL - CASA DA MOEDA, EP.
- INETI - INSTITUTO NACIONAL DE ENGENHARIA E TECNOLOGIA INDUSTRIAL
- OGMA - INDÚSTRIA AERONÁUTICA DE PORTUGAL
- SACOR MARÍTIMA, S.A.
- V. A. GRUPO-VISTA ALEGRE PARTICIPAÇÕES S.A.

## NOVOS PROGRAMAS NA RÁDIO RENASCENÇA

Em 1995 resolvemos mudar de temas, nos programas que há longos anos mantemos na R. Renascença. Na realidade, já falámos em demasia dos "estrangeiros em Portugal" e, embora não tivéssemos referido senão um pequeno número deles, pensamos que os nossos ouvintes já estarão fartos. Portanto, desde 22 de Janeiro último passámos a transmitir um novo programa, um novo assunto, subordinado ao título "As grandes Explorações Africanas", que tratará, desde o séc. XIX,

as grandes viagens dos portugueses através do enorme Continente. A contribuição que essas expedições trouxeram para o mundo científico de então foi inestimável, e é pouco conhecida dos portugueses em geral.

Alternando com este programa, teremos um outro que focará as "Singularidades da história do século XIX", "o extraordinário século XIX", "Memórias do século XIX" e "o ocaso do século XIX", tudo isto tratado de uma maneira leve, mas falando-se de assuntos sérios e pessoas importantes, como foram, por exemplo, os nossos sócios Alexandre Herculano e Fontes Pereira de Melo. E narrar-se-ão episódios curiosíssimos, tais como os planos alemães para colonizarem o Alentejo, o plano espanhol para assassinar a Condessa d'Edla de modo a que D. Fernando pudesse ser Rei de Espanha, etc.

Esperamos que estes e outros episódios divirtam os ouvintes da Rádio Renascença, ao mesmo tempo que aprendem factos importantes da História de Portugal.

## VISITA AO PALÁCIO DE BELÉM

Erigido por um fidalgo do séc. XVI, comprado em 1726 por D. João V para nele fazer uma quinta chamada no início, das Leoneyras, ocupado por D. José no dia do terramoto de 1755, montando tendas nos seus jardins, foi ainda morada da rainha D. Maria II durante a Belenzada, e posteriormente dos reis D. Carlos e D. Amélia.

A zona privada do palácio foi provavelmente um convento dos frades Jerónimos. Nos pátios e jardins de Belém estiveram em exposição as primeiras espécies animais vindas de terras africanas: aves raras, felinos e até elefantes.

Com a passagem da Monarquia à República a vida em Belém mudou, sendo o Palácio destinado a residência oficial do Presidente da República. Depois de vários mandatos chegou aos nossos dias tendo estado por vezes no centro dos acontecimentos do País.

Foi propósito da SHIP, a realização de uma série de visitas que pudessem proporcionar aos seus associados a oportunidade de conhecerem este Palácio. Fizem-no 120 sócios que puderam assim admirar o conjunto

arquitectónico e os seus interiores. Estas visitas, efectuadas em turnos de 30 pessoas cada, decorreram com êxito. A SHIP espera, neste ano de 1995, fazer outras visitas culturais, em Lisboa, nos arredores e noutros locais do País.

## HOMENAGEM À MEMÓRIA DO PROF. DOUTOR GAMA CAEIRO

Conforme fora anunciado, realizou-se no passado dia 12 de Janeiro (5.ª feira) a sessão de homenagem à memória do Prof. Doutor Francisco José Gama Caiiro, falecido em 18 de Setembro do passado ano.

Com o Salão Nobre da SHIP literalmente cheio, assistindo à sessão os grandes vultos do pensamento português actual, recordaram a figura e a obra de Gama Caiiro, em brilhantes orações, o Dr. Afonso Botelho, Presidente do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, o Prof. Doutor Pedro Calafate, da Faculdade de Letras de Lisboa, a Prof.ª Doutora Maria Cândida Pacheco e, a fechar, o nosso Presidente da Direcção General Themudo Barata.

Foi uma extraordinária jornada, em que se recordou uma das principais figuras da filosofia portuguesa e que, através da Comissão de Filosofia da SHIP, prestou muitos e valiosos serviços à nossa Instituição.



O Sr. General Themudo Barata, Presidente da SHIP preside à Panegírico à memória do homenageado.



Prof.ª Doutora Maria Cândida Pacheco, durante a sua oração.

Homenagem – À MEMÓRIA DO PROFESSOR DOUTOR GAMA CAEIRO



*PROF. DOUTOR PEDRO CALAFATE*



*DR. AFONSO BOTELHO, no uso da palavra*



*UM ASPECTO DA ASSISTÊNCIA*

## ACTIVIDADES DA SHIP PREVISTAS PARA FEVEREIRO CORRENTE

### CURSO DE CULTURA PORTUGUESA

Sessões nos dias 2, 7, 9, 14 e 16, visitando-se neste dia o Teatro Romano de Lisboa.

### CONVERSAS DE FIM DE TARDE

Todas as 5.ª feiras, às 17 horas; Dia 2 Eng.ª Costa Macedo - "Gonçalo Eanes de Vilas Boas, alcaide mor de Castelo de Vide"; dia 9, Dr. Manuel Fidalgo - "A regionalização do ponto de vista sociológico"; dia 16, Multiconversas - Evocação do Almirante Américo Tomás, por ocasião do Centenário do seu nascimento.

### PALESTRAS DO DR. FAUSTO DE MORAIS

Às 3.ª feiras, das 14,30 h às 17,00 h, sobre temas diversos, iniciando-se a sessão com música de concerto.

### CONCERTOS

De música de Câmara, por agrupamento da Orquestra Metropolitana de Lisboa, no dia 13 (2.ª feira) às 18,30 horas.

Coral da série "Última 6.ª feira de cada mês", no dia 24, pelas 18,30 h, actuando o coro "Notas Soltas", de Vila Franca de Xira.

### NÚCLEO FEMININO

Culinária - Às 5.ª feiras, em 2 turnos, de manhã e de tarde.

### DESPORTO

Egrima - às 2.ª e 4.ª feiras, das 16,00h às 18,00h.

Tiro - às 5.ª e 6.ª feiras, das 18,00h às 20,00h

Jogos de simulação histórica - todos os dias, das 16,00h às 20,00h.

### PROGRAMAS NA R.R.

Sábados, cerca das 19,30h., versando alternadamente os temas "Explorações científicas Africanas" e "Singularidades da história do século XIX", transmitidas em AM e FM, bem como, noutros horários, em Onda Curta e via Satélite, para a América e Europa e Norte de África.

## NÚCLEO FEMININO DESLOCAÇÃO A CALDAS DA RAINHA E PENICHE

Organizada pelo Núcleo Feminino, vai realizar-se no próximo dia 10 de Março, 6.ª feira, uma visita guiada ao Museu José Malhoa, em Caldas da Rainha.

Após o almoço, previsto no restaurante "A LAREIRA", seguir-se-á para a vila de Peniche onde se visitará a Escola de Rendas de Bilros do Lar de Sta. Maria e exposição das mesmas no Museu da Vila.

A partida está prevista para as 8,30h, em autocarro, que estacionará no Rossio (Praça D. Pedro IV) perto da estátua, onde se encontrará alguém da S.H.I.P., que acompanhará os inscritos durante a viagem.

As inscrições estão abertas na secretaria da S.H.I.P. aos sócios de ambos os sexos, que desejem participar nesta visita.

O custo da visita, transporte, almoço e entrada no Museu, será de 3 500\$00.

### RECTAL DE POESIA

No dia 23 de Março, (quinta-feira), às 18 horas, por iniciativa do Núcleo Feminino, a Dr.ª Manuela Silveira Machado dará um recital de poesia. Este recital, que se intitula «36 anos - 36 sonetos» é constituído apenas por obras de Florbela Espanca, tendo como fundo musical trechos de Schuman, Liszt e Chopin.

D aqui alertamos os nossos associados para este extraordinário acontecimento cultural, convidando-os a estarem presentes no nosso Salão Nobre neste dia e hora. E podem trazer os convidados que entenderem.



Núcleo Feminino - Aula de Culinária

**PALESTRA SOBRE FAIANÇA PORTUGUESA**

Promovida pelo Núcleo Feminino, o nosso prezado consócio Dr. Jorge Pereira Sampaio proferirá uma palestra, pelas 17 horas do próximo dia 16 de Março, subordinada ao tema "Breve apontamento sobre a Faiança Portuguesa dos Séculos XVIII e XIX". Desde já ficam convidados os sócios da SHIP a assistirem a esta palestra.



**INSÍGNIAS DOS CORPOS GERENTES DA SHIP**

A Direcção da SHIP, devidamente autorizada pela Assembleia Geral de 15 de Dezembro que aprovou a proposta respectiva, resolveu mandar fazer insígnias próprias para todos os Corpos Gerentes, que as envergaram sempre que necessário, nomeadamente em dias festivos da Sociedade Histórica, ou nas cerimónias em que se justifique ostentá-las.

As referidas insígnias, metálicas, constarão de uma estrela dourada ao centro da qual estarão as iniciais SHIP inseridas num círculo de modo especial, estrela que penderá de um colar composto de estrelas idênticas e círculos com as iniciais, unidos por pequenas correntes. Estes colares terão cores diferentes esmaltadas, consoante sejam para o Presidente da Direcção, Presidente da Assembleia Geral ou Presidente do Conselho Fiscal. Os restantes membros de cada um destes órgãos sociais ostentarão a mesma estrela mas pendente de uma fita com as cores desse órgão dos corpos gerentes.

Por sua vez também os 40 membros do Conselho Supremo deverão exibir os colares respectivos, idênticos aos restantes mas com cores exclusivas que os distinguem dos restantes.

**ACTIVIDADES DA SHIP EM JANEIRO P.P.**

Recordamos aqui as diferentes actividades levadas a cabo pela SHIP em Janeiro último:

**CURSO DE CULTURA PORTUGUESA**

Sessão nos dias 10, 12, 17, 19, 24, 26 e 31, das 15 às 17 horas conforme programa publicado no Boletim de Novembro de 1994.

**CONVERSAS DE FIM DE TARDE**

Dias 5 e 26, às 17 horas, versando os temas "Elocubrações à volta de um calendário único" e "Evocação do Eng.º Araújo Correia" por ocasião do Centenário do seu nascimento, sendo palestrantes o Coronel Mendonça Frazão e Inspector Batista Martins, respectivamente.

**PALESTRAS DO DR. FAUSTO DE MORAIS**

Dias 3, 10, 17, 24 e 31, das 14,30 às 17,00 sobre variados temas.

**CONCERTOS**

Dia 16 às 18,30 h, de Música de Câmara, pelo quarteto de Câmara "Metropolis" da Orquestra Metropolitana de Lisboa.

Dia 27, às 18,30 h, tendo actuado o Coro da Empresa "Renault".

**CONFERÊNCIA**

Pela Dr.ª Teresa Costa Macedo, em 19, sobre "Os Problemas Fundamentais da Família em Portugal".

**HOMENAGEM**

Sessão em 12/1, à memória do falecido Dr. Gama Caeiro, às 18 horas, tendo sido oradores os Drs. Afonso Boielho, Prof. Doutor Pedro Calafate, Prof.ª Doutora Maria Cândida Pacheco e general Themudo Barata.

**DESPORTO**

Egrima - dias 2, 4, 9, 11, 16, 18, 23, 25 e 30, das 16 às 18 horas.

Tiro - dias 5, 6, 12, 13, 19, 20, 26 e 27, das 18,00 h às 20,00 horas

**PROGRAMAS DE RÁDIO NA R. RENASCENÇA**

Dias 7, 14, 21, 28, alternadamente "Estrangeiros em Portugal" e "Lendas de Portugal" cerca das 19,30 h. Transmítidos em AM e FM e, noutros horários, em Onda Curta para as Américas e via satélite para a Europa.

**NÚCLEO FEMININO**

Culinária, em 5, 12, 19 e 26, em 2 turnos, de manhã e tarde.

**CONVERSAS DE FIM DE TARDE**

Transcrevemos a seguir o Calendário estabelecido, até 9 de Março, das "Conversas de Fim de Tarde", que tanto êxito têm obtido junto dos associados, de que é prova a sua duração ao longo destes anos:

Dia 2/2 - Eng.º Costa Macedo - Gonçalo Eanes de Vilas Boas

Dia 9/2 - Dr. Manuel Fidalgo - A regionalização do ponto de vista sociológico.

Dia 16/2 - (multiconversa) - Evocação do Almirante Américo Tomás, por ocasião do centenário do seu nascimento.

Dia 2/3 - Tenente-coronel Amaral Vieira - O Exército e o Futuro.

Dia 9/3 - João Pereira Coutinho - O Ginásio Clube Português.

## ENCERRAMENTO DAS COMEMORAÇÕES DO INFANTE D. HENRIQUE, NA BATALHA

Desde o início da programação das Comemorações do Infante D. Henrique, em 1993, que ficou assente ser a Sociedade Histórica quem procederia às cerimónias de encerramento, emprestando-lhes toda a pompa e circunstância que o acontecimento requeria. E assim aconteceu. Mas houve também que incluir no circuito, por razões óbvias, a Comissão dos Descobrimentos e esta trouxe também ideias para o nosso ambicioso programa que, desse modo, deixou de ser tão ambicioso... É que os custos actuais de qualquer iniciativa, tornam-na quase impraticável. Ou seja, houve que reduzir o programa, em pompa e em dinheiro. Mas sem perder a dignidade indispensável.

A cerimónia realiza-se no dia 4 de Março próximo e iniciar-se-á cerca das 11,00 horas. Ao abrir do pano estarão em palco cerca de 200 coralistas (membros

de vários Coros portugueses, reunidos propositadamente), bem como uma orquestra sinfónica de cerca de 100 músicos, também constituída para este acto.

A orquestra e Coró executarão um Requiem, encomendado oportunamente pela SHIP ao grande Mestre da actualidade o Cónego Dr. António Ferreira dos Santos da Igreja da Laga no Porto. Será esta peça musical a 1.<sup>a</sup> no Mundo escrita em vernáculo, ou seja, com o texto em português, o que constitui caso inédito no panorama musical do Universo!

Depois dos discursos habituais e curtos, como não poderá deixar de ser, do historiador convidado e de S.Exa. o Sr. Presidente da República, formar-se-á um cortejo, no qual se deverão incorporar 4 figuras importantes dos Descobrimentos – Diogo Cão, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral –, com os seus característicos trajes da época. O cortejo dirigirá-se-á para o túmulo do Infante onde se postará em semi-círculo e será lida uma poesia alusiva de Fernando Pessoa.

Será depositada uma coroa de flores,

em bronze, junto ao túmulo do Infante, pelas entidades oficiais. Por último, as crianças do Concelho irão encher o túmulo de flores.

A SHIP pensou organizar uma viagem, num máximo de 40 pessoas, para quem quiser assistir a estas cerimónias no Mosteiro da Batalha. Para isso, sairá de Lisboa (Rossio) um autocarro, cerca das 8,30 h, da manhã, de modo a estar na Batalha às 11 horas, no início da cerimónia. No Templo haverá um sector reservado para estes sócios da SHIP, de onde poderão assistir às celebrações.

Findas as cerimónias, o grupo regressará ao autocarro a fim de almoçar num restaurante daquela zona. E, findo o almoço regressar-se-á a Lisboa.

Os sócios interessados em ir à Batalha assistir a estas cerimónias deverão inscrever-se desde já – iamos dizer imediatamente –, na Secretaria da SHIP, visto não levamos mais de 40 pessoas. O preço não excederá os 3.500\$00, todo incluído, isto é, transporte e almoço.

Não percam tempo! Não adiem a inscrição para amanhã. Façam-na já!

## CONFERÊNCIA DA DR.<sup>a</sup> TERESA COSTA MACEDO

No passado dia 19 do corrente, conforme anunciamos no Boletim de Dezembro último, realizou-se a

conferência da Exma. Senhora Dr.<sup>a</sup> Teresa Costa Macedo subordinada ao título "OS PROBLEMAS FUNDAMENTAIS DA FAMÍLIA EM PORTUGAL", conferência integrada ainda no Ano Internacional da Família.

A assistência seguiu com o maior interesse a brilhantíssima e documentada exposição da conferencista, que abordou um tema da maior actualidade, até porque talvez sejam, hoje, os problemas da família aqueles que mais preocupam os portugueses.



A Dr.<sup>a</sup> Teresa Costa Macedo no uso da palavra.



Um aspecto da assistência à conferência.

## COMEMORAÇÕES DOS 800 ANOS DO NASCIMENTO DE SANTO ANTÓNIO

É do conhecimento dos nossos leitores que neste ano de 1995 se celebram os 800 anos do nascimento de Santo António. É tão relevante este acontecimento, que as duas cidades mais importantes da sua existência, Lisboa que lhe deu o berço e Pádua onde está o seu túmulo, lhe dedicam este ano celebrações especiais, prolongando-as Lisboa até 1996. No final desta notícia reproduzimos o programa oficial destas comemorações, em Itália. Só no próximo Boletim publicaremos o programa português, em virtude da sua extensão.

Entretanto, a SHIP resolveu comemorar, também, os 800 anos do nascimento do Santo. Deste modo, a Sociedade elaborou 4 conferências diferentes, para serem oferecidas às nossas Delegações e às Câmaras Municipais do País que as solicitarem. As conferências subordinam-se aos seguintes títulos:

- Santo António doutor da Igreja
- O culto de Santo António e o imaginário popular
- Santo António e o espírito missionário franciscano
- O franciscanismo e a Europa medieval

Além disto, a SHIP promoverá uma exposição, no piso 0 do Palácio, sob o tema "Santo António no imaginário popular português", que estará patente ao público, em princípio, durante os festejos dos Santos Populares, em Junho. E, entretanto, iremos promover também em Maio ou Junho, uma visita à Basílica de Santo António em Pádua, para um grupo de sócios, no máximo 40, em virtude de este ano, e por causa do Santo, Pádua esperar entre 6 e 7 milhões de turistas com as conseqüentes dificuldades de alojamento. Por isso, os sócios interessados nesta viagem, deverão inscrever-se desde já na Secretaria da SHIP, visto que fecharemos as inscrições, irrevogavelmente, quando se atingir a 40.ª inscrição. Claro que nesta viagem, para além da Basílica de Santo António e de Pádua, far-se-ão incursões por Veneza, Florença, Siena, Lucca e outras localidades naquela área. Pensamos que

esta visita terá a duração máxima de uma semana. E quanto a preços, a Secretaria

da SHIP indicá-los-á aos interessados, na altura da inscrição.



SANTO ANTÓNIO

S. LISBOA 15-8-1195. M. PÁDUA 13-6-1211

### O 1.º DE DEZEMBRO EM S. PAULO

Ainda falando de S. Paulo, recordamos que, no dia 1.º de Dezembro, a grande Empresa Pires, pertencente a portugueses e onde se formam "seguranças" para todo o Brasil, desde guardas pessoais a guardas de Bancos, ofereceu-nos um lauto almoço, nas suas modelares instalações. E porque a data era de festa para os portugueses, o nosso Companheiro de Viagem Dr. Eugénio Rosa leu um texto e um extraordinário poema de sua autoria, alusivo à data que se celebrava no Brasil. Porque a sala era grande, porque decerto muitos dos convivas não o ouviram em boas condições e porque é indispensável que aqui fique registado, a seguir o transcrevemos.

### ROMAGEM NO TEMPO E NO ESPAÇO

Na memória de velhos "escritos", escritos quando infante, evocando 1640 e o Brasil que desde então acalentámos, transatlântico, milagre de unidade, fomos buscar inspiração para um dia - o dia de hoje - a viver em terras do Brasil.

Será este dia 1.º de Dezembro, vivido no seio da Comunidade Portuguesa aqui radicada, que, há cerca de 50 anos, nos fez a oferenda do Palácio da Independência, tendo tornado possível que ali flutuasse a Bandeira de Aljubarrota e onde a de Portugal dignamente flutua.

Em comunhão com os vivos e os mortos de Aquém e Além Atlântico, que outros primeiros de Dezembro souberam viver, à sombra dos ideais que deram força a este Poema, que é apenas uma Romagem no Tempo e no Espaço, tentaremos avivar a memória comum.

Neste local, nesta hora  
 eu vivo, eu rememoro troços  
 da minha infância e do meu sonho.  
 Consumada a distância, outra distância  
 para que a alma disponho.

Foi virada ao Futuro, sempre presente  
 no desdobrar da acção, séculos em fora  
 Bem era moço infante, a querer ser gente...

Arrancara da alma, num orgulho,  
 que se ensinava então,  
 a palavra viril e contundente  
 de "ver em cada homem um irmão".

Como já o sonhara anos atrás,  
 na procura do Homem Convergente,  
 um José de Alencar, um Castro Alves,  
 gente exponencial da nossa Gente.

Devia ser o orgulho transmitido,  
 diasporal desejo assimilado,  
 em que havia Brasis, Índias, sentido  
 de ecuménicos propósitos firmado.

Mesmo em contradições de sangue e dor,  
 em que o Ser e o Ter fundem Amor  
 com "direitos humanos" a querer Ser...

.....  
 Lembro-me de cultivar no "meu jardim"  
 as datas do nascer, do renascer – que há sempre  
 em todos nós

Cantei-o assim:

"Um de Dezembro às nove da manhã,  
 uns quantos conjurados: - Portugal  
 a demonstrar que a esperança não foi vã.  
 Terreiro do Paço. A alma nacional  
 tem explosões de alegria forte e sã.  
 Somos de novo nós, à luz do Ideal!"

Somos de novo nós? Prouvera a Deus!  
 Prouvera a Deus que, desfeita a bruma,  
 cruzando novos Oceanos-Céus,  
 vivida a Vida, cada um assuma  
 a Hora, agora e aqui sentida,  
 no orgulho da Pátria proibida  
 na Dimensão que o esforço concebeu.

E na casa do filho, de um dos filhos,  
 a quem demos e damos tanto amor,  
 em comanhão no evocar dos trilhos  
 de mais um – e bem nosso! – Bojador:

"Unindo o Mar à Terra, o português  
 teve consigo sempre um companheiro:  
 - o Céu que, sobre o Mar, foi muita vez  
 a Esperança forte que, sobre a Terra, o fez  
 ser o primeiro!"

Neste local, nesta Hora, perto do Monte Pascoal,  
 já recordei Portugal.  
 E agora o trajecto feito  
 com grandeza e com o pecado  
 a que o Homem está sujeito,  
 mesmo sendo baptizado...

"E além do mar, das praias já distantes,  
 inexplorada, rica imensidão,  
 cruzada pelos nossos "bandeirantes"  
 num futuro já passado, em febre e acção."

Abro as portas ao Sonho. Mais não digo.  
 Sem complexos de culpa ou de vã glória,  
 curvo-me reverente ao esforço antigo  
 aos construtores da nossa comum História!

S. Paulo, 1.º de Dezembro de 1994

Eugénio d'Ascensão



## PRÉMIOS SHIP

Uma vez mais vamos atribuir, em 24 de Maio, os prémios SHIP, referentes a 1994. Recordamos que este concurso anual engloba, neste ano, as modalidades de «IMPRESA REGIONAL»,

«MONOGRAFIA» E «ABOIM SANDE LEMOS - IDENTIDADE PORTUGUESA». A monografia deverá versar o tema «Santo António - Um Português» e o prémio «ABOIM SANDE LEMOS/IDENTIDADE PORTUGUESA» destina-se este ano a ser atribuído aos

campos da Cultura e da Arte, visto o de 1993 ter premiado a área das ciências, ao concedê-lo à A.M.I.

Noutro local deste Boletim reproduzimos os habituais anúncios a estes prémios.



## SOCIEDADE HISTÓRICA DA INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL

### PRÉMIOS LITERÁRIOS 1994

#### PRÉMIO IMPRESA REGIONAL

Valor 50.000\$00 e troféu (1)

#### PRÉMIO MONOGRAFIA

Valor 125.000\$00 e troféu (2)

**Prazo de entrega dos trabalhos - Até 28 de Fevereiro 1995**

- (1) a conceder ao melhor artigo publicado na Imprensa Regional em 1994 e que se enquadre nos princípios defendidos nos Estatutos da SHIP
- (2) a galardoar a melhor monografia sobre "Santo António - Um Português"

#### ENTREGA DOS TRABALHOS Secretaria da SHIP

Palácio da Independência  
Largo de S. Domingos, 11  
1000 LISBOA  
Telefone 342 89 87

#### CONSULTA DOS REGULAMENTOS Secretaria da SHIP



## SOCIEDADE HISTÓRICA DA INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL

Prémio Aboim Sande Lemos - Identidade Portuguesa

Ano de 1994

TEMA: Identidade Portuguesa nos campos da  
Cultura e Arte

VALOR 350.000\$00 e troféu

PRAZO DE ENTREGA DAS CANDIDATURAS: 28 de Fevereiro 1995

-----

-----

Reservado a Autores Portugueses

Este ano contempla a obra, individualidade ou Instituição que se tenha distinguido como difusora da Identidade Portuguesa nos campos da Cultura e da Arte.

Entrega das candidaturas e obtenção dos regulamentos:  
Secretaria da SHIP  
Palácio da Independência

Largo de S. Domingos, 11 - 1000 LISBOA - Telefone 342 89 87

## PRÉMIO ABOIM SANDE LEMOS - IDENTIDADE PORTUGUESA

### PEDIDO/APELO AOS SÓCIOS

Como é do conhecimento geral dos nossos associados, o prémio Aboim Sande Lemos - Identidade Portuguesa é atribuído todos os anos pela SHIP a pessoa ou a pessoas, a entidades ou a instituições que o júri escolhido pela Sociedade entenda dever distinguir, pela obra realizada em prol do bom nome de Portugal ou que por iniciativa própria tenha contribuído ou contribua para a ajuda a outros povos. Não é condição fundamental, portanto, que haja concorrentes, isto é, que pessoas ou instituições se candidatem directamente ao prémio: a SHIP pode sugerir ao júri,

por sua iniciativa, o nome ou nomes que, em sua opinião, mereçam ser distinguidos.

Desde a instituição do prémio - que alternadamente contempla o campo das artes e o das ciências - este já foi atribuído à UCCLA, ao Dr. António de Oliveira Carvalho Rodrigues e Prof. Eng.º Edgar António de Mesquita Cardoso (ex.-acquo), Dr. Afonso Botelho, pelo conjunto da sua obra, Instituto de Higiene e Medicina Social da Faculdade de Medicina de Coimbra, ao Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão pelo conjunto da sua obra e à AMI - Associação dos Médicos Internacionais.

Ora o apelo, o pedido que aqui fazemos, é o de os nossos associados nos

ajudarem, enviando-nos nomes de pessoas e de instituições que, no vosso entender, mereçam ser distinguidos com este prémio. Porque às vezes, muitas vezes até, a SHIP pode não ter conhecimento de pessoas ou instituições cujas obras e actividades sejam importantíssimas para a Identidade Portuguesa e/ou para o nosso bom nome no estrangeiro e, por não o sabermos, não lhes ser atribuído o galardão merecido.

Aqui fica o pedido. Todas as sugestões serão bem-vindas e cuidadosamente examinadas e ponderadas. Mas apressem-se a comunicar à SHIP esses alvites porque o júri terá de atribuir o prémio até Abril e necessita de tempo para estudar todas as propostas.



**ORQUESTRA  
METROPOLITANA  
DE  
LISBOA**

**AINDA O 1.º DE DEZEMBRO DE  
1994**

**EM MACAU**

Já disseramos que a efeméride fora comemorada com o habitual almoço de sócios e convidados, além da tradicional missa. Podemos agora acrescentar que a eucaristia foi celebrada pelo Rev. Pe. Benjamim Videira Pires, S. J. na Capela da Fortaleza de S. Tiago da Barra e que o almoço reuniu 40 pessoas, tendo usado da palavra o nosso sócio e Delegado da SHIP Dr. Jorge Rangel, Secretário Adjunto para a Administração, Educação e Juventude do Governo de Macau, o Dr. Rogério Pires Claro ex-Director dos Serviços de Educação de Macau, que se encontrava de visita ao Território, o Arquitecto Fernando Lima, professor do Liceu e também sócio da SHIP e o Sr. Albertino da Almeida, técnico do Instituto Politécnico de Macau. Todos estes oradores enalteciam o significado da data.

**NOS AÇORES**

Completamos a notícia das celebrações, dada no anterior Boletim, publicando os nomes dos convidados presentes à sessão:

**CIVIS:**

Prof. Mário Pinto, Ministro da República para os Açores; Major Joaquim Casiano, Chefe de Gabinete do Ministro da República; Presidente do Governo Regional representado pelo Secretário da Saúde e Segurança Social Dr. António Menezes; Presidente da Câmara de Angra; Presidente da Câmara da Praia; Presidente da Assembleia Municipal da Praia; Director da T.V.; Director do I. Histórico da Ilha Terceira; Director do Jornal "A União"; Director Regional da Educação - Foi o conferencista; Director do Pólo Universitário de Angra; Vigário Geral da Diocese, Dr. Augusto Cabral - Cônego Gil Mendonça - Sócio da SHIP; Manuel da Cruz Marques - Sócio da SHIP; Prof. Doutor Manuel Monteiro - Sócio da SHIP; Dr. Manuel Baptista e Lima - Sócio da SHIP; Coronel Albino Fonseca - Sócio da SHIP; Prof. Van Manan - Organista; Fernando Silva - Cantor.

**CONVIDADOS MILITARES:**

Comandante Operacional dos Açores; Chefe do Estado Maior do Comando Operacional dos Açores; Chefe do Gabinete do Comando Operacional dos Açores, Comandante da Zona Militar dos Açores; 2.º Comandante da Zona Militar dos Açores; Chefe do Estado Maior da Zona Militar dos Açores; Comandante do Regimento de Guarnição n.º 2 - P. Delgada; 2.º Comandante do Regimento de Guarnição n.º 2 - P. Delgada; Comandante da Zona Marítima dos Açores; Chefe do Estado Maior do Comando da Zona Marítima dos Açores;

- Reproduzem-se a seguir as palavras com que o n/ Delegado Dr. José Leal Armas abriu a sessão:

"Nos dias que correm de amplas liberdades, após duras experiências de cariz contrário, a ideia de Nacionalidade volta a chamar a atenção dos políticos. Para uns, ela dificulta a Defesa dos Direitos do Homem, a Justiça Social e o Comércio Livre e por isso advogam mesmo a criação de grandes espaços geográficos, sem fronteiras, onde gente civilizada e livre aprenderia a conviver em paz e com melhores níveis de vida.

Reproduzem-se a seguir as palavras de nacionalidade, em português, para a convivência internacional, à escala mundial, pelas nações e a fraternidade que daí resultar.

Na verdade a História ensina-nos que a população do Universo divide-se em grupos com culturas próprias, possivelmente como consequência da adaptação a diversos ambientes, nos quais a convivência prolongada despertou interesses ou opções diferentes. Este tipo de evolução humana originou as identidades nacionais, pela teia de laços familiares que se foram estabelecendo, de uma forma algo isolada, pela utilização de línguas e de normas de comportamentos desiguais.

Fundir ou uniformizar estas situações não parece fácil nem recomendável, por ser altamente empobrecedor no campo cultural. É ver o que se está passando mesmo em nossos dias, marcados por conflitos de natureza étnica e de choques de cultura.

A Paz tão desejada, com estabilidade político-social, tem o seu preço, em geral muito alto, pois exige - agora sim, a nível mundial - uma permanente actualização da qualidade de vida, incluindo, naturalmente, o respeito pelas diferenças culturais.

É porque aceitamos este modus vivendi; aqui estamos a comemorar a Independência Nacional, isto é, a enaltecer a defesa da cultura portuguesa nos seu territórios seculares de além e de além Atlântico."

- A palestra que se seguiu foi proferida pelo Dr. Manuel Conde Bettencourt, Director Regional da Educação dos Açores, que apreciou a evolução da vida portuguesa desde os primórdios da crise de 1580 até à Restauração e tirou a conclusão de que o divórcio entre os políticos dirigentes e o Povo deve ser evitado, sob pena de se caminhar para tragédias nacionais como a do domínio filipino.

A sessão foi encerrada pelo Sr. Ministro de República Prof. Mário Pinto, que elogiou o trabalho do Dr. Manuel Conde Bettencourt e a acção desenvolvida pela SHIP nos Açores.

**EM LISBOA**

Reproduzem-se a seguir os discursos da nosso Presidente da Direcção General Themudo Barata e do representante do

Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Vereador Rui Godinho, junto do Monumento dos Restauradores.

#### DISCURSO DO GEN. THEMUDO BARATA

"Desde 1886, todos os anos aqui nos reunimos neste dia.

A repetição ininterrupta do gesto, sempre idêntico no ritual e nos propósitos, fala por si: - e é mesmo o que mais importa. Diz tudo, melhor do que quaisquer palavras, quase, até as dispensa.

Por isso, as poucas que se disserem devem, apenas, ser o eco desse sentimento comum que, ao longo de mais de um século, tem juntado em redor deste obelisco sucessivas gerações de portugueses.

Mas, então, porque vieram aqui todos esses nossos antepassados? E o que é que, hoje, por igual, e de novo, nos congrega nesta cerimónia?

Antes de mais, um preito de imensa gratidão ao esforço, ao sacrifício e ao êxito com que, desde há perto de nove séculos, os portugueses nossos antecessores souberam defender e consolidar a liberdade e a independência da pátria de todos nós.

Depois, o exemplo que nos deixaram duma confiança sem desânimos e duma coragem e determinação sem recuo.

Exemplo que nos responsabiliza, mas que, simultaneamente, nos fortalece na certeza de que não há metas justas que sejam insuperáveis - apenas, há homens pequenos para estarem à altura da grandeza desses objectivos.

Por fim, viemos aqui para nós próprios, tendo alimentado forças e certezas, confirmarmos a nossa determinação, na hora que nos cabe viver, de sermos os continuadores deste projecto histórico que é Portugal.

Projecto dum povo que se identificou como nação neste estreito rectângulo europeu. E pátria que se cumpriu e quer continuar a cumprir na realidade dum corpo franzino mas com uma alma tão grande que nela cabem, sem distinção de raça ou cor de pele, homens dos cinco continentes.

Todavia, cada ano, ao recolhemo-nos por momentos, perante o monumento erguido à memória dos Restauradores de 1640, há sempre um pensamento particular para aqueles que, num dado passo da nossa história, foram, nesse tempo, os heróis concretos na já longa vida de Portugal.

Hoje, queremos, por isso, lembrar em especial os que tomaram parte no primeiro grande desafio que se seguiu à Restauração. Refiro-me à Batalha do Montijo, travada há 350 anos e que marcou de forma decisiva a consolidação do grito de independência lançado na manhã do 1.º de Dezembro de 1640, após 60 anos de doloroso cativeiro.

Que a nossa vinda aqui não seja, pois, um mero gesto protocolar de presença, antes a ocasião propícia para conhecermos melhor quem somos, como portugueses, e para melhor participarmos na construção sempre em curso dum futuro português para a pátria que queremos legar aos que vierem depois de nós."

Praça dos Restauradores, 1 de  
Dezembro de 1994

#### INTERVENÇÃO DO VEREADOR RUI GODINHO

Comemorar a data de 1 de Dezembro de 1640 deve significar para todos nós, Portugueses, a comemoração da Independência de um País que mantém as fronteiras estáveis mais antigas em toda a Europa.

Os factores de identidade e coesão nacionais, que dão corpo ao nosso País e determinaram a permanência no tempo desta unidade política estável, consolidaram-se e subsistem há mais de oito séculos em Portugal.

Esta identidade política, baseada fundamentalmente numa profunda identidade cultural própria e dinâmica, foi capaz, ao longo da História, de compreender a importância da miscigenação de culturas dos diferentes povos que se encontraram no seu território, para a emergência e fortalecimento de um sentimento nacional forte, garante da autodeterminação e independência das suas gentes.

Foi assim em diferentes épocas históricas, é assim ainda hoje. Portugal, nação desde muito cedo aberta a outros povos e culturas, tem sabido apreender e assimilar as múltiplas influências culturais e políticas que diferentes processos históricos têm proporcionado, integrando-as como elementos revivificadores da sua identidade nacional.

A afirmação dos factores de identidade e soberania nacionais, assume neste

quadro uma importância fundamental. Não numa perspectiva passadista, que procure afirmar estes factores nacionais em oposição ou sobreposição a valores de outros povos e países, mas numa perspectiva de desenvolvimento e consolidação da cooperação e amizade entre os povos, sem exclusões de natureza política, social, económica, religiosa, cultural ou racial, e no pleno respeito pelos direitos de todos os cidadãos, onde a participação activa de todos constitui seguramente a chave do êxito para a criação de uma Europa e de um Mundo mais desenvolvidos e mais justos.

Portugal, e a cidade de Lisboa em particular, sempre foi capaz de afirmar a sua capacidade de relacionamento com outros povos que nos procuram, recusando a xenofobia, o racismo ou as exclusões de todos os tipos, procurando afirmar a cada momento o seu respeito profundo pelas minorias étnicas residentes. Um exemplo concreto desta capacidade expressa-se na constituição e funcionamento de um Conselho Municipal das Minorias Étnicas junto da Câmara Municipal de Lisboa, onde os problemas específicos destas populações são abordados e discutidos num clima de abertura e franqueza, contribuindo assim para a busca de soluções concretas para os problemas específicos que se colocam neste domínio.

A crescente internacionalização da economia mundial a que assistimos actualmente, procura envolver a actividade das cidades, quer em termos produtivos quer em termos do sistema de trocas. As cidades, e as Áreas Metropolitanas onde se inserem, desempenham, por isso neste processo um papel cada vez mais importante e imprescindível, face ao enfraquecimento gradual do papel dos Estados e das Fronteiras, bem expresso em todo o processo da construção da União Europeia, e agora do seu alargamento a Norte, não totalmente conseguido.

Esta realidade coloca também as cidades numa posição particularmente responsável em matéria de defesa e afirmação dos valores que dão expressão concreta à identidade dos povos, e das características culturais, sociais e políticas específicas de cada nação.

Como capital europeia, Lisboa assume hoje importantes projectos que promo-

vem a identificação das suas características próprias, e do País em geral, no quadro da União Europeia e mundial. Lisboa, afirma-se hoje como uma cidade que desenvolve significativos esforços no sentido da modernização e do progresso, visíveis por todos, procurando simultaneamente conciliar, em toda a sua plenitude, a sua participação por direito próprio no concerto das cidades europeias e mundiais, com a afirmação da sua identidade própria consolidada ao longo de muitos séculos, de que não abdicará nem abdicará nunca.

Quero destacar, neste contexto, para além da vertente europeia que Lisboa indiscutivelmente assume, a sua vocação atlântica, que se expressa nas excelentes relações mantidas com a África Ocidental e com a América Latina, e a vertente voltada para o Oceano Índico, através das relações estabelecidas com a África Oriental (Moçambique em particular), e Oriente (Macau, Malaca e Timor), para além de referências de Portugal um pouco por todo o mundo. Esta vocação de Lisboa assume particular eco no seu empenhamento numa participação activa e interessada na União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCLA) e na União das Cidades Capitais Ibero-Americanas (UCCI), organizações a que preside actualmente.

Neste contexto, a Cidade de Lisboa representa, enquanto Capital de Portugal, um factor de coesão nacional e um referencial de defesa da independência nacional, que não será nunca demais sublinhar.

Comemorar hoje, em Lisboa, o 1.º de Dezembro de 1640 significa, por isso, uma manifestação natural de reafirmação da independência nacional de Portugal, reafirmação esta que não acontece contra nenhum outro povo ou nação, mas num quadro de cooperação e amizade entre os povos, que deverá presidir à construção de uma Europa mais desenvolvida, de progresso e solidária.

Lisboa, 1 de Dezembro de 1994  
Vereador Rui Godinho

As palavras pronunciadas pelo General Themudo Barata e pelo Sr. Presidente da República na sessão do Salão Nobre, serão reproduzidas no próximo Boletim, dada a extensão do presente.

## AINDA O 1.º DE DEZEMBRO EM S. PAULO

No Boletim de Janeiro p.p. omitimos, involuntariamente aliás, que na sessão solene do 1.º de Dezembro de 1994, em S. Paulo, na Academia Lusitana de Ciências, Letras e Artes, também pronunciara um importante discurso o membro daquela Academia Dr. Frederico Perry Vidal.

A seguir transcrevemos o seu valiosíssimo discurso:

### "NESTE DIA ETERNAMENTE EXEMPLAR..."

Ninguém poderá, em sã justiça, duvidar de quanto são profundos e exemplares os laços de solidariedade humana e intelectual que unem os Portugueses do Brasil e a Sociedade Histórica da Independência de Portugal.

Creio que remonta a 1863 o mais antigo elo dessa confiança mútua, quando os Portugueses aqui radicados responderam ao primeiro chamamento da Sociedade, para que acudissem aos famintos de Cabo Verde.

Em 1876, novo apelo. Desta vez em socorro às vítimas das inundações do Ribatejo, enquanto já em 1868 tinham contribuído, através de subscrição própria, para a compra de armamento destinado à defesa de Portugal.

Entretanto, de 1867 a 1886, a Sociedade Histórica encontrara sempre aqui feliz ressonância às suas iniciativas de significado patriótico, e assim se ergueram em Lisboa as estátuas de Camões (inaugurada em 1881) e a do Marquês de Sá da Bandeira (1884), além do monumento comemorativo da Restauração da Independência (1886), e em Guimarães a estátua de D. Afonso Henriques (1884).

Era o tempo, porém, em que, perante uma atitude determinada, ou até ao simples esboçar de qualquer gesto visando revigorar o que era genuinamente português, se tornara chique, entre a sociedade boa do Liberalismo, limitada mas dominante, afivelar a máscara enfiada do desdém, exibindo um profundo sentimento de

enjôo – e a Sociedade Histórica, para escândalo geral, atrevia-se a fazê-lo.

Enfrentavam os seus fundadores, desde 1861, a crescente vaga do iberismo que grassava, tentacular, visando enfraquecer os alicerces mais profundos e mais sólidos do velho, honrado, valente, culto Portugal.

E Eça de Queiroz claramente o denuncia a "Os Maias", através desse episódio antológico do jantar no Hotel Central em honra de Jacob Cohen, quando põe na boca de João da Ega, "incorrigível nesse dia", as suas "enormidades" de iberista fanático: "Portugal o que precisa é a invasão espanhola" e logo depois, perante a indignação do Alencar "patriota à antiga" e o untuoso "sorriso indulgente" do Cohen, solta um dos seus famosos paradoxos, tão elogiados, aliás, como não podia deixar de ser, pelo conde de Gouvarinho:

"Evidentemente, (...) invasão não significa perda absoluta da independência. Um receio tão estúpido é digno só de uma sociedade tão estúpida como a do Primeiro de Dezembro", e logo daí passa a enaltecer as "alianças que teríamos a troco das colónias – (...) que só servem como a prata de família aos morgados arruinados, para ir empenhando em casos de crise..."

João da Ega, símbolo do poseur, encadernado na bizarrice de estrangeirado, estrão do iberismo enfim, era, ele próprio, o perigo, pela sedução irresistível da sua verve acutilante. Eça de Queiroz, ao criá-lo, manejou-o como a um produto nefasto, estigmatizando nesse satânico "Mefistóteles de Celorico" o imenso erro da geração que viveu. Ainda hoje há quem o não entenda assim...

Mas sempre assim o entenderam, na sua atávica independência dos poderes condutores da política portuguesa, os audazes, atrevidos e tantas vezes injustamente apocanhados imigrantes portugueses no Brasil que acorriam, conscientemente felizes, e até honrados pela convocação, ao chamamento da Sociedade Histórica, num gesto de natural nobreza que se não fabrica, de intuição sagaz colhida no leite materno. longe, então, de ter sucedâneos industrializados – gesto e intuição, aliás e apesar de todos os pesares, de que nunca se cansaram, geração após geração,

sempre que, sob qualquer forma, Portugal resolve testar os seus filhos de aquém mar em qualquer prova de patriotismo integral.

E nesta Academia Lusitana – para a qual, quando seu Presidente, Baltazar Rebello de Souza, em feliz entendimento com o general Themudo Barata, trouxe a honrosa representação da Sociedade Histórica em São Paulo – numa firmeza cíclica nunca desmentida, orgulhosamente se cumpre o mandato irresistível ao nosso querer imperativo de evocar, à luz da História transparente, a necessária, a indiscutível actualidade daquela manhã invernososa e fria mas que pelas razões mais autênticas de um espírito indomável se perpetua, entre todas, a mais “pura e alegre” da gesta portuguesa de todos os tempos e em todos os lugares do mundo onde se trabalha, reza e ama em português.

Colha, pois, a expressiva embaixada que nos visita, neste dia eternamente exemplar, a homenagem que a Academia Lusitana lhe rende e de que é tão merecedora, não apenas pelas credenciais do seu passado, mas também, e sobretudo pela dignidade com que sabe enfrentar dificuldades do presente.

E porque é mais natural nos portugueses o chegar do que o partir, guarde, na memória já saudosa do seu regresso, deste breve mas lúcido convívio, a certeza de poder sempre confiar na firmeza deste seu braço bandeirante.

Sinal alvigeiro recebemos hoje, porque neste final de século – quando o egoísmo campeia, quando os valores do espírito ameaçam sucumbir à avalanche que lhes prefere o brilho sedutor, o cheiro inebriante do ouro e o acicate das conveniências e dos conluíus que tão bem ele sabe fantasiar de uma pertença lógica, infalível na engenharia de um futuro, antevendo a virada de um século qual solução mágica para ansiedades e injustiças – serenamente, uma pleiade de oitenta portugueses percorrem, à sua própria custa, não as Disneylândias que decoram as vontades e embriagam de coca-cola o pasmo papalvo do pseudoturismo que dá status à cultura vã do snob, mas sim o Brasil, para receberem, das águas puras e milenares do Sotimões ao Iguazu, o baptismo que nos identifica com a admirável lição deste País – obra inicial do engenho e

arte, da simples, da natural lição do viver e do conviver que só o Português soube esbanjar pelo mundo todo e com inspirada, singular intuição, nesta Quarta Parte que Camões, nos felizes presságios da Ilha dos Amores, cantou e crismou. “De Santa Cruz o norre lhe poreis”.

A Academia, pela voz entre todas autorizada do seu Presidente, vos deu as boas-vindas.

A palavra ponderada e de um saber profundo do senhor General Altino Magalhães nos transmitiu a mensagem firme e incentivadora nos desígnios pátrios em que cremos, em que alimentamos a razão de um destino que nos transcende, no imorredouro sortilégio da esperança – para além da lenda de que El-Rei Dom Sebastião reza algures, numa solitária ilha das tantas que franjeiam o litoral brasileiro, esperando de Deus aquela inspiração já ouvida por seu avô D. Nuno Álvares Pereira, dos Atoleiros a Aljubarrota, que lhe segreda “É tempo!”

A mensagem da Sociedade Histórica de Independência de Portugal, que ouvimos neste 1.º de Dezembro de 1994, veio daquele seu palácio a par do Rossio, de onde, nessa tal manhã invernososa e fria, saiu, como se fosse apenas folgar os olhos nas águas faiscantes do Tejo, D. Antão Vaz de Almada, com parentes, amigos e criados, para afinal subir ao paço da Ribeira e num instante trocar a Duquesa de Mântua e Miguel de Vasconcellos, muito simplesmente, pelo nosso Rei Natural”.

Esse palácio é também a nossa casa, escaninho lisboeta do nosso amor.

E para que fosse o que hoje é acima de tudo – cidadela da vontade portuguesa – à Colónia Portuguesa do Brasil, (como então se dizia sem ferir a sensibilidade preconceituosa timpanos só afeitos ao modismo das palavras de conveniência), foi reconhecida, episodicamente, pelo governo português, personalidade jurídica, por decreto de 30 de Maio de 1939, e Albino de Sousa Cruz, paladino galvanizador de tantas cruzadas em terras brasileiras, sempre em prol de Portugal, entregava em 24 de Julho de 1940, à Direcção Geral da Fazenda Pública, cinco mil contos de reis – resultado da subscrição realizada entre os Portugueses do Brasil e que consubstanciou o presente de aniversário que ao austero Portugal ofertaram os seus filhos do Brasil no oitavo centenário da fundação do Reino,

quando também comemorava os trezentos anos da restauração da sua independência, banindo o jugo da Espanha filipina.

Imprescritáveis são os destinos de Deus.

Será que é por acaso que aqui estamos hoje, apenas 354 anos depois dessa tal manhã, entre todas a mais pura, a mais alegre?

Em nós é pura a intenção com que partilhámos este dia de festa, e alegre o semblante que vos acolhe. Intenção e semblante em que queremos vejam refletida a serenidade da alma de cada um que vos recebe, serenidade não isenta de um atuante e exigente sentido de responsabilidade.

Obreiros e partícipes de uma comunidade singular no mundo dos nossos estranhos dias, resta-nos a dimensão espiritual. Não a percamos, por Deus!

Não abduquemos desse direito de Pátria – que nos transcende porque é eterno – por negligência ou conformismo egoísta nos limites do efémero viver de cada um, porque não é de preguiçosos a lição do Brasil que vos é agora revelada, na exuberância de uma adolescência vigorosa em que os erros têm a marca da juventude e os acertos o tempero acridoce da experiência já vivida.

Tão pouco vos deixeis enganar pela rudeza natural que tão bem nos vai a nós, portugueses: não nos sobrou ainda tempo, pela necessidade imperiosa de trabalharmos de sol a sol, para fazermos só por nós o que outras comunidades souberam exigir e receberam dos seus países de origem em retribuição à constante e pontual remessa de divisas: escolas, liceus, faculdades, bibliotecas para os descendentes de imigrantes italianos, franceses, espanhóis, americanos, alemães, japoneses.

Talvez... talvez assim seja porque a educação que recebemos em meninos nos ensinou a simularmos a altivez serena do nosso carácter voluntarioso, ao ponto de muitos outros mal avisados, a tomarem por humildade passiva ou estupidez ingénua...

A medida do nosso querer, do poder realizador de que somos testemunhos legítimos, não bastardos aproveitadores, jamais se avalia pelo número de palmas de um país, pelo eco esmaecido das glórias cantadas em crónicas venerandas,

pela sombra ainda projetada pela vetustez de monumentos – quais evangelhos de pedra – e que só os velhos de todos os Restelos querem iguais a si mesmos, no imobilismo acomodaticio da desesperança medíocre que os satisfaz.

Não há país pequeno nem pensar pequeno que nos resigne a deixarmos de reivindicar a herança universal que nos pertence, que assumimos, que queremos dinâmica ao ritmo da nossa esperança nas gerações que nos sucederem. Nem pode satisfazer-nos um "caiado alpendre" da Europa que seja o estreito, demarcado limite do espírito universal e livre da pátria portuguesa.

1640: Comemoramo-lo hoje. Será, porém, que o merecemos?

Jamais os mercenários, transitórios, interesses da política, no estulto orgulho, na "vã glória de mandar", desfazendo mundos, gerando morte onde ensinamos amor e vida, podem atrever-se, à luz da inteligência e da dignidade humana, a confinar as intocáveis, as imperecíveis fronteiras da alma.

## AGRADECIMENTO DE LIVROS

Como sempre tem acontecido ao longo destes anos, aqui se publicam mais estas ofertas de livros para a nossa Biblioteca, ofertas provenientes das mais diferentes origens mas onde avultam as dádivas dos nossos sócios. Muito e muito obrigado a todos, portanto.

Da Câmara Municipal de Estarreja

Obra: Egas Moniz - 120 Anos  
(1874 - 1994)

Do Exmo. Sr. Dr. Carlos Vieira da Rocha

Obra: Unidos no mesmo ideal  
Autor: J. M. Silva Cunha

Obra: Estrutura Político-Administrativa do Ultramar Português

Obra: O Problema monetário português - 1947

Obras: O sector Empresarial do Estado Indústria e energia: análises e propostas de actuação - 1984

Obra: Código Cooperativo - 1981

Obra: Teoria geral do atraso português  
Autor: Alexandre Coelho

Obra: Boletim da FilMOTECA Ultramarina Portuguesa - 1986 e 1987

Obra: Cooperativismo - Código cooperativ. actualizado - 1981

Obra: Junta de Investigação Ultramar - est. ciênc. soc. e polit. - Vários n.º

Obra: Boletim Americanista - 39/40 e 44

Obra: Conquista y resistência en la história de América

Obra: Memória, creacion e história - Luchar contre el olvido

Obra: O Mundo Português \ - Vários n.º

Obra: Revista Independência - Vários n.º

Obra: Le monde moderne - Vários n.º

Obra: Revista Militar - Vários n.º

Da Associação dos Antigos Alunos do Colégio Militar

Obra: Revista n.º 117 - Out./Dez. 94

Do Exmo. Sr. Dr. A. Palma Carlos

Obra: Plano Rodoviário Nacional de J.A.E.

Obra: Revista da ordem dos Engenheiros Ano I - n.º 6 - Nov./Dez. 43 (Fotocópia)

Do Exmo. Sr. Eng. António da Costa Macedo

Obra: Excerto das minhas mini-membrias referentes a 3 generais ilustres

Autor: O Próprio

Da Exma. Sr.ª D. Maria Augusta D'Eça D'Alpuim

Obra: Os Eças  
Autor: Maria Augusta D'Eça D'Alpuim

Do Exmo. Sr. Eng. João Castello-Branco

Obra: Mercado e Justiça  
Autor: Duquesne de la Vinelle  
Tradução do ofertante

## NOVOS SÓCIOS

4229 - Cor. Eng.º Manuel Lourenço Trindade Sobral

4230 - D.ª Maria Isabel Junqueiro Sarmiento Gomes Mota

4231 - General/QE Narciso Mendes Dias

4232 - Contra-Almirante Joaquim dos Santos Félix António



TIPOGRAFIA  
DA ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES  
DAS FORÇAS ARMADAS

### Executa:

Livros, Brochuras, Cadernos, Desdobráveis,  
Cartazes, Envelopes, Cartas, Facturas, Recibos,  
etc., etc., etc.

FOTOCOMPOSIÇÃO  
TIPOGRAFIA  
OFFSET  
MONTAGEM  
IMPRESSÃO  
ENCADERNAÇÃO

\* \*  
HÁ MAIS  
DE 20 ANOS  
QUE LHE DAMOS  
UMA MELHOR  
IMPRESSÃO  
\* \*

## VIAGEM AO BRASIL

Durante alguns números deste Boletim iremos falar do Brasil. Não a descrição exaustiva da viagem, não o elogio das extraordinárias paisagens que nos foi dado contemplar, não a impressionante semelhança de algumas cidades brasileiras com as portuguesas. Isso foi vivido – e de que maneira – por todos os participantes, não valendo a pena, julgamos, recordar. Mas iremos relatar outras impressões da viagem, à medida que nos formos recordando, umas divertidas, outras menos e outras ainda de estranheza e quase indignação.

Comecemos hoje pela quase indignação.

Visitámos, como não podia deixar de ser a Casa de Portugal no Rio de Janeiro. Fomos poucos, sete ou oito pessoas apenas. Os restantes viajantes resolveram cumprir um programa de visitas à cidade, decerto mais aliciante para eles do que ir "perder tempo" numa Casa de Portugal. Mas, porque fomos só oito, tivemos um enorme privilégio: percorremos todas as instalações da Casa, do Colégio, do Hospital e do Lar dos Velhinhos, vendo-as em pormenor, falando com os responsáveis, ficando a saber dos seus anseios e das dificuldades com que lutam.

É extraordinária a obra destes portugueses no Brasil. Em todos os sectores e em todas as cidades onde existem portugueses em número significativo, nota-se, sente-se a sua presença, "vê-se" a sua acção. Mas isto fica para depois, porque hoje iremos apenas falar do Rio de Janeiro e da Casa de Portugal.

É espantosa a obra do Rio de Janeiro. O Presidente da Direcção da Casa de Portugal, o Dr. António Joaquim Lopes, fez questão em ser ele a guiar-nos através dos diferentes estabelecimentos anexos. E, em cada um deles a nossa admiração aumentava. Porque é necessário extrema dedicação, enorme carinho, e grande engenho para superar as dificuldades constantes que se lhes deparam dedicação, carinho e engenho indispensáveis a quem ninguém ajuda e tem de contentar-se com o dinheiro dos sócios, com o seu próprio dinheiro para resolver os constantes embaraços que iniciativas daquela dimensão sempre apresentam. Tomemos, como exemplo flagrante, o Hospital. Possui um corpo clínico permanente de 75 médicos (números de 1993), repartidos por 38 especialidades, além de outros técnicos de saúde para

diagnósticos e tratamentos, como por exemplo fisioterapia, cardiogramas, audiometria, radiologia, etc. Mas também, em determinadas áreas, mantém o hospital acordos com firmas especializadas, de modo a dar resposta pronta e alargada às diferentes necessidades dos doentes, como análises clínicas, Quimioterapia, anatomia patológica, etc., embora também mantenham os seus próprios serviços.

Os números apresentados são os que possuímos e referem-se a 1993. Neste ano já serão outros: mais especialidades, mais médicos, mais doentes, mais camas. É um nunca acabar, de mais consultas externas, de mais benefícios aos sócios, de mais e melhor assistência. Neste instante o hospital está apetrechado – e nós vimos – com o equipamento mais moderno capaz de responder a quaisquer exames complementares de diagnóstico, além de possuir todos os meios para o tratamento clínico, cirúrgico e fisioterápico necessários. E para terminar esta relação de dados restará dizer que o Hospital tem 142 camas e que em 1992 se efectuaram 6801 intervenções cirúrgicas, entre grandes, médias e pequenas cirurgias.

Estes elementos que extraímos da Revista da Casa de Portugal de Dezembro 1993, servem apenas para dar uma pálida ideia deste hospital, sempre moderno, sempre actualizado, sempre impecável e sempre ocupadíssimo, pela excelência de serviços que presta. E mais uma particularidade: qualquer português, vindo da Europa ou do Brasil, que necessite do hospital, de urgência, é imediatamente assistido, gratuitamente.

Ora bem. O que dói, o que impressiona, é ver que ninguém, de Portugal, do Estado, ajuda estes estabelecimentos.

Todas as entidades oficiais, desde Presidentes, inscrevem louvores encomiásticos aos dirigentes da Casa de Portugal, no Livro de Honra que nos convidam a assinar. Mas depois... nem um louvor público, nem um aparelho médico oferecido, nem a manutenção de uma cama para internamento, o Estado Português subsidia. Aplaudem a obra nas palavras que escrevem no Livro de Honra. Mas não dão qualquer ajuda material para que o bom nome de Portugal se mantenha no topo, através das instituições que os imigrantes portugueses criaram e mantêm do seu bolso! E mantêm, por vezes, com que dificuldades! Parece inacreditável, mas é verdade. E é esta falta de ajuda, ostensiva segundo parece, que é necessário denunciar. Sob pena de, em poucos anos, tudo isto, toda esta obra gigantesca desaparecer.

É urgente e fundamental que os poderes públicos desviem umas pequenas migalhas orçamentais com o fim de as enviar à Casa de Portugal, no Rio de Janeiro, para que aquelas extraordinárias obras que mantêm, se não percam. E, com o seu desaparecimento também se perca o bom nome e o prestígio de Portugal. Acabem com os elogios e deem-lhe dinheiro ou outras ajudas materiais de que tanto carecem e merecem. Os serviços que estes portugueses têm prestado e continuam a prestar ao nosso País não tem preço. E é enorme injustiça não os ajudarmos. É inadmissível o abandono a que votamos estes heróis portugueses do Brasil de hoje.

Voltaremos ao assunto, noutra Boletim.



## CONCERTOS

No passado dia 27 de Janeiro realizou-se o anunciado concerto pelo Coro da empresa "Renault". Só bastante tarde nos foi entregue o programa, pelo que foi por completo impossível distribuí-lo a tempo pelos interessados, como habitualmente fazemos. Mas o nosso colaborador J.A. Paulitos, como de costume, vai dar a notícia detalhada do que foi este concerto.

Também no dia 16 de Janeiro actuou na SHIP o quarteto de Câmara Metropolis, da Orquestra Metropolitana de Lisboa, de que igualmente damos notícia:

## CORO DO CLUBE CULTURAL E DESPORTIVO DO GRUPO RENAULT

No dia 27 de Janeiro, recebemos no Salão Nobre da SHIP o «CORO DA RENAULT», dirigido pelo Maestro VÍTOR ROQUE AMARO.

Este Coro foi fundado em Junho de 1989 e é constituído por cerca de cinquenta elementos, trabalhadores do Grupo Renault em Portugal, que ensaiam nos seus tempos livres.

O seu repertório é já bastante amplo, abrangendo obras desde o Século XIV até à música contemporânea, e dando especial relevância à música tradicional portuguesa, de todas as regiões do país.

O programa que nos apresentaram, elaborado de uma forma cuidada, divide-se em três partes distintas:

I - Música antiga desde a Fundação de Portugal até aos Descobrimentos, com «Óndas do Mar de Vigo» e «Mardad'ei comigo», de Martin Codax (Séc. XV-XVI); «Las mis penas Mudeas», de Pedro do Porto (Séc. XV-XVI); «Say Serranico», «Si me human», «La tricotera» e «Tourolón», de anónimos do Séc. XVI; e «Ave Maria» de Jacobus Arcadelt.

II - Baladas e canções (desde os «sixties» até aos nossos dias), com «Maria Faina», popular portuguesa, na versão de José Afonso, cantada somente por dois vozes (soprano e barítono); «Ich arns welchis teufel», popular austríaca; «Fui à beira do mar», popular portuguesa; e «Swing low», espiritual negro.

III - Música tradicional portuguesa com «O milho da nossa terra», da Beira Baixa; «A ribeira quando enche» e «Dançando, purilando», do Alentejo; «Tia Anica de Loulé», do Algarve; «Lábra, bó, lábra» e «Trai-trai», do Minho.

O Maestro foi apresentando as peças, com elucidações oportunas e com as justificando os motivos da sua escolha e integração no repertório, com a maior simplicidade — o que não significa menor erudição — quase que conversando com os assistentes, com boa disposição e algum humor, conseguindo criar um ambiente informal e de grande simpatia.

O Coro esteve muito bem, merecendo os calorosos aplausos do público presente. Tem boas vozes, está bem ensaiado e nota-se que existe um grande espírito de colaboração, que se vem a reflectir na forma como actuam.

Surpreendeu-nos, muito agradavelmente, ouvir algumas peças já nossas conhecidas enriquecidas com interessantes arranjos ou desdobramentos nos vários rítmicos, e os acompanhamentos, na música tradicional portuguesa, de guitarra, tambor, adufe e instrumentos de percussão, respeitando sempre, todavia, as melodias originais.

Felicitemos, pois, o Coro do Clube Cultural e Desportivo do Grupo Renault, e o Maestro Vítor Roque Amaro, pelo bellissimo Concerto que nos proporcionaram.

O Concerto foi apresentado, como habitualmente, pelo Maestro António Leitão,



## QUARTETO METROPOLIS da Orquestra Metropolitana de Lisboa

Realizou-se, no dia 16 de Janeiro, o quarto Concerto Instrumental da Temporada 1994/95.

Voltámos a ouvir o QUARTETO METROPOLIS, que já estivera conosco no primeiro Concerto, em 28 de Setembro de 1994.

Este quarteto de cordas é formado por: EMILIA VANGUELOVA, violino; MARC GUNDERMAN, violino; VALENTIM PETROV, viola; e PETER FLANAGAN, violoncelo, que confirmaram a boa impressão que nos tinham deixado anteriormente.

Foram apresentadas duas peças:  
- Quarteto n.º 2 em F# Maior, op. 74, de FRANZ JOSEPH HAYDN, com quatro andamentos: Allegro spiritoso/Andante grazioso/Menuetto-Allegro/Finale-Presto.

- Quarteto n.º 3 em Lá Menor, op. 13, de FÉLIX MENDELSSOHN, também com quatro andamentos: Adagio-Allegro vivace/Adagio non tempo/Intermezzo-Allegretto con moto-Allegro di molto/Presto.

Sendo ambas as composições de qualidade notável, permitimo-nos salientar, pela sua beleza e dificuldade de execução, o 2.º andamento do quarteto de Mendelssohn, Adagio non tempo, que oferece uma actuação destacada ao primeiro violino.

Nota breve sobre os compositores:

HAYDN (1732-1809), compositor austríaco, demonstrou desde muito novo qualidades musicais, e entrou com oito anos para o Coro da Catedral de Santo Estevão, de Viena. As suas primeiras composições datam de 1755. Dotado de uma inspiração notável deixou-nos 104 sinfonias, 84 quartetos de cordas, 18 óperas, 12 missas, 52 sonatas, 125 canções, 31 trós para piano, cerca de 30 concertos para piano ou outros instrumentos, e 8 oratórios, sendo os mais conhecidos "A Criação" (1798) e "As Estações" (1801). A sua obra foi reconhecida internacionalmente, sendo visitado vários países. Foi amigo de Mozart e de Beethoven.

MENDELSSOHN (1809-1847), compositor alemão, também pianista e organista. Foi considerado uma criança-prodígio como pianista, dando o seu primeiro concerto aos nove anos. Começou a compor desde muito novo e apresentou a sua primeira sinfonia em 1824. Foi apreciado em vários países, nomeadamente em Inglaterra. Em 1843 fundou o Conservatório de Leipzig, onde ensinou piano e composição. Escreveu sinfonias, concertos para piano e violino, quartetos de cordas, música de câmara e muitas canções e obras corais.

J. Costa Paulitos

## VIAGEM A CABO VERDE

Encontra-se elaborado o programa da projectada viagem a Cabo Verde. Para já, visitar-se-ão as ilhas de S. Vicente, Santiago, Santo Antão e Sal. Em cada uma veremos o que nós portugueses lá fizemos, ao longo dos anos, em terrenos tão áridos e difíceis, mas, principalmente, aproveitar-se-á o máximo de tempo para lazer nas praias.

Em princípio, a ida a Cabo Verde está prevista para 25 de Março e a chegada a Lisboa no dia 2 de Abril. No entanto, estas datas poderão avançar uma semana ou duas, se for conveniente, embora nos digam que em Abril já começa a ser ventoso.

O preço? É acessível, segundo cremos. Noutro local do Boletim poderão ler o programa em pormenor.

Não percam tempo. Quem estiver interessado deverá inscrever-se já na secretaria da SHIP. Não poderão viajar mais de 40 pessoas, dada a exiguidade dos hotéis em Cabo Verde.



TROPICANATUR

**CLIENTE  
PARA  
SEMPRE**

Programas  
VIP  
VIETNAME  
Índia

Programas Especiais  
Brasil  
Índia  
Cabo Verde  
E.U.A.

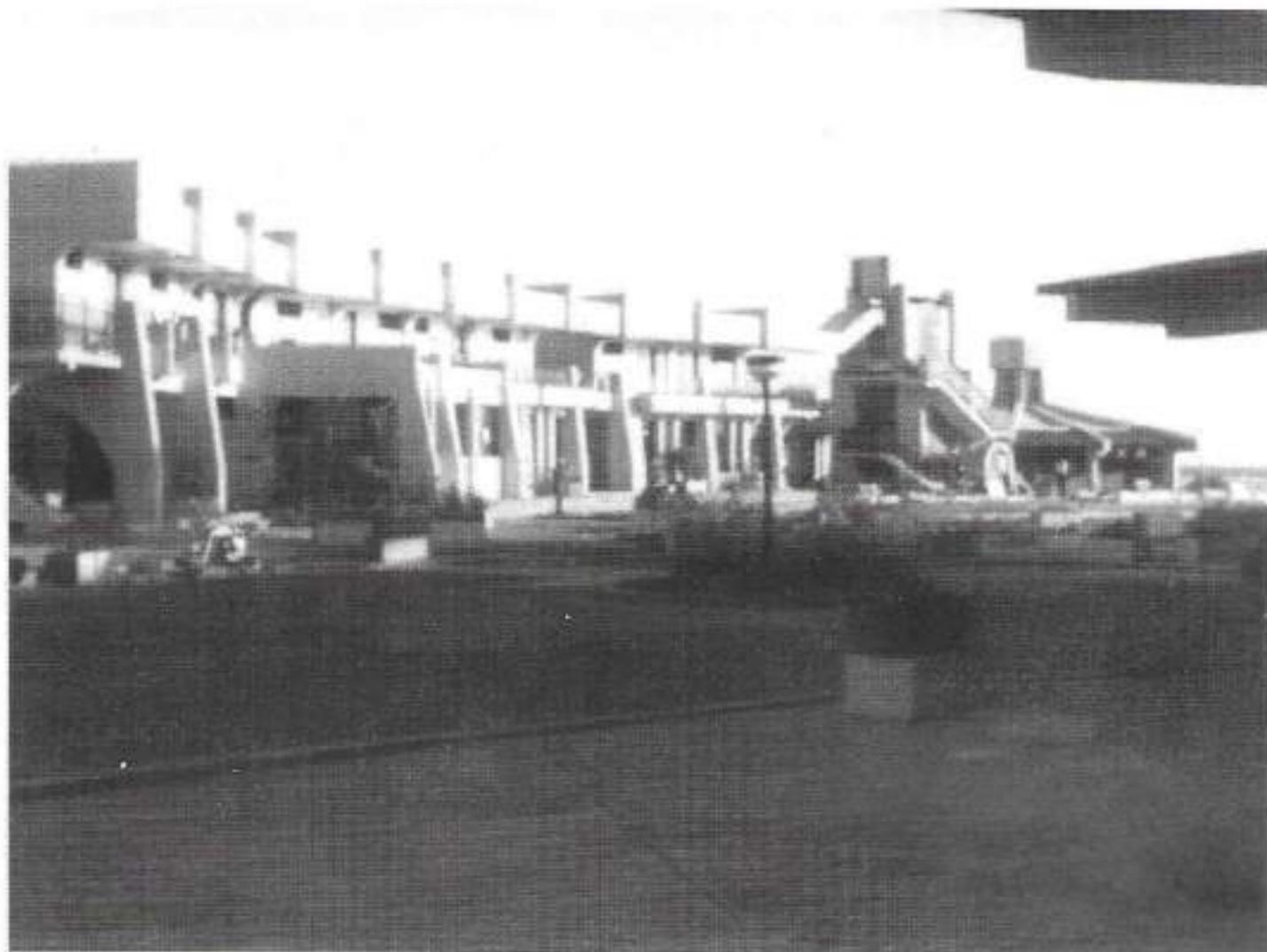
Londres  
Edimburgo

Reservas Nacionais Internacionais  
Hotéis em todo o Mundo

RUA DE XABREGAS, 20-F - 1700 LISBOA • TELEFONES: 858 58 06/7/8 - 858 38 67 - TELEX 13690

# VIAGEM A CABO VERDE

## ITINERÁRIO



*HOTEL PRAINHA (Ilha de Santiago)*

### 25/03 – LISBOA/SAL/S. VICENTE

Comparencia no Aeroporto da Portela pelas 07H30 para assistência às formalidades de embarque para o voo VR 601 08H55/10H55 com destino ao SAL.

Almoço a bordo.

À chegada ao Aeroporto do Sal teremos uma conexão para o voo que pelas 16H00 nos levará para S. VICENTE.

Neste intervalo de cerca de 2 horas úteis, será servido um lanche.

Chegada a S. Vicente pelas 17H05.

Transfer para o HOTEL AVENIDA (3 estrelas).

Jantar e alojamento.

Durante o jantar, teremos música ao vivo com mornas caboverdianas.

### 26/03 – SÃO VICENTE

Pequeno almoço no hotel.

Às 07H30 transfer para o Ferry com destino a Sto. Antão.

À chegada, desembarque em Porto Novo na Ilha, onde visitaremos uma unidade de

produção de sub-produtos de Cana do Açúcar.

O almoço será servido na Ilha de Sto. Antão na Vila da Ribeira Grande.

Regresso a S. Vicente com passagem pelo Ilhéu das Gaivotas que nos dará uma imagem espectacular.

À chegada a S. Vicente depara-se a Baía do Mindelo, que vista do mar nos oferece uma paisagem de rara beleza.

Recomendamos para este circuito traje especial, dada a natureza do transporte.

Desembarque e transfer para o Hotel para jantar e alojamento.

**27/03 – SÃO VICENTE**

Pequeno almoço no hotel.  
Pela manhã sugerimos fazer um pouco de praia na Baía das Gatas e Calhau.  
Almoço no hotel.  
Tarde livre, podendo visitar a cidade para compra de recordações.  
Jantar no hotel.

**28/03 – S. VICENTE / SANTIAGO**

Pequeno almoço no hotel.  
Concentração às 10H30 para transfer para o Aeroporto.  
Embarque pelas 12H20 com destino a Santiago.  
Chegada prevista às 13H20, onde teremos transfer para o HOTEL PRAIAMAR (4 estrelas).  
Almoço no hotel e tarde livre.  
Aconselhamos a piscina do hotel para descanso ou pequenas voltas pela cidade.  
Jantar no Restaurante O Poeta ou similar com música.  
Possibilidade de ir à discoteca do hotel (entrada livre); ou ao Dinós onde actuam «Os Tubarões» (a entrada terá que ser paga).

**29/03 – SANTIAGO**

Pequeno almoço no hotel.  
Circuito da Ilha com paragem para a praia e almoço na Cidade do Tarrafal.  
Visitando-se entretanto S. Jorge dos Orgãos, Assemada (Mercado Tradicional), Porto Formoso, Calheta de S. Miguel e Pedra Badejo.  
Regresso pela tarde ao hotel para jantar e alojamento.

**30/03 – SANTIAGO**

Pequeno almoço no hotel e manhã livre de praia ou piscina no hotel.  
Almoço no hotel.

Pela tarde passeio à Cidade Velha e resto do tempo livre para compras.

Jantar no Restaurante Marisol com animação.

Entrada livre na discoteca do hotel.

**31/03 – SANTIAGO/SAL**

Pequeno almoço no hotel.  
Manhã livre para descanso e preparação de malas.  
O almoço será servido um pouco mais cedo.  
Transfer para o Aeroporto para embarque às 14H00 com destino ao SAL.  
Chegada às 13H00. Transfer para o HOTEL MORABEZA (4 estrelas).  
Tarde livre para um pouco de sol, nas encantadoras areias da praia ou na piscina do hotel.  
Jantar no Restaurante «Piscador» ou «Marilu».  
Entrada livre na discoteca do hotel.

**01/04 – SAL**

Dia livre para praia ou piscina.  
Almoço no Restaurante «Piscador».  
Jantar no Restaurante «Marilu».  
Entrada livre na discoteca do hotel.

**02/04 – SAL/LISBOA**

Pequeno almoço no hotel.  
Pelas 10H30 deverão estar as bagagens em local a determinar onde os delegados da Companhia Aérea farão o Check In para o embarque para Lisboa.  
Almoço no «Piscador».  
Transfer do hotel para o Aeroporto cerca das 15H00, para embarque pelas 16H30 com destino a LISBOA.  
Chegada prevista pelas 23H10.

**TRANSPORTE/GUIAS**

**S. VICENTE**

O transporte será feito em carrinhas fechadas tipo HIACE com um acompanhante que fará de guia.

**SANTIAGO**

Transporte em autocarro com guia da Agência local.

**SAL**

O transporte será em Minibus do próprio Hotel.

**STO. ANTÃO**

A ida a Sto. Antão será feita em carrinhas menos informais, pelo que sugerimos que neste dia a roupa seja prática e cómoda.

**O PROGRAMA INCLUI:**

- Preço da Viagem de Avião ida e volta em Classe Turística.
- Pensão Completa, incluindo uma garrafa de água de 1,5L por cada 3 pessoas.
- Todos os circuitos mencionados: Circuito Ilha de S. Tiago; Circuito à Cidade Velha, a partir da Cidade da Praia; Ida a Sto. Antão (Barco + Circuito + Almoço) e Circuito da Ilha de S. Vicente.

**NÃO INCLUI:**

- Despesas Particulares
- Bebidas Diversas
- Extras não discriminados no programa

## PREÇO POR PESSOA PARA MÍNIMO DE 40 PARTICIPANTES

Alojamento em Quarto Duplo ..... 205.000\$00  
Suplemento Single ..... 38.000\$00

## PASSAPORTE

É imprescindível passaporte, com «visto» grátis. A Agência de viagens trata do Visto.

## DIFERENÇA HORÁRIA

Em todo o território de Cabo Verde verifica-se uma diferença de 2H00 a menos relativamente a Portugal.

## CLIMA

Aconselhamos roupas leves e práticas, chapéu de sol e um bom protector solar. As temperaturas variam entre os 27°C e os 22°C na temperatura do ar sendo a mesma variação quanto à temperatura da água.

## MOEDA

A moeda utilizada é o ESCUDO CABEVERDIANO.

Encontram locais de câmbio:

- No Aeroporto do Sal
- Bancos
- Hotéis principais
- 1500 Caboverdeano vale 2\$00 Portugueses, neste momento.

Aceitam para câmbio o Escudo e outras divisas (sendo aconselhável Dólares e Libra Inglesa).

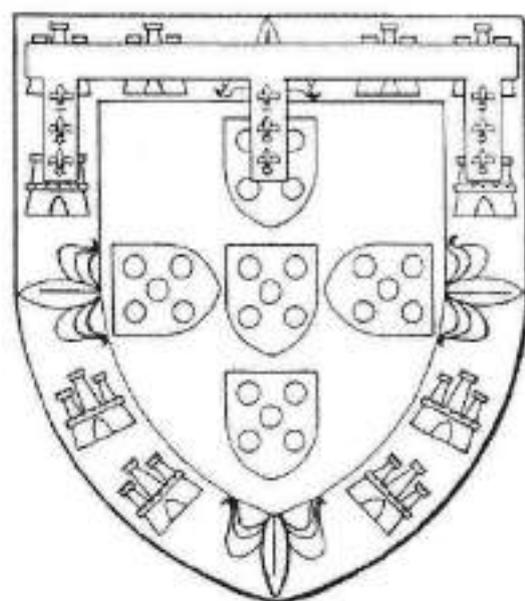
## Cartão de Crédito.

Apenas são aceites nos Hotéis principais, sendo feita a operação bancária em Dólares, Libras e Francos Belgas. Aceitam praticamente todos os cartões: American Express; Visa; Mastercard; Eurocard.

## TEMPOS DE VOOS

- LISBOA/SAL - 4 horas
- Voos Internos - 50 minutos

# GENEALOGIA DO INFANTE D. HENRIQUE



EDIÇÃO  
DA  
SOCIEDADE HISTÓRICA DA INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL

LISBOA

1995

Com este n.º do Boletim, finalmente, se distribui pelos sócios a árvore genealógica do Infante D. Henrique, levada o mais longe que foi possível.

Este formidável trabalho de investigação só foi possível devido ao empenho, determinação e conhecimentos do nosso prezado consócio Sr. Coronel Jorge Guerreiro Vicente, que durante meses e meses investigou os antepassados do Infante e conseguiu reuni-los e articulá-los tal como agora se apresentam, parecendo fácil o que, sabemos bem, foi tão difícil de conseguir e conjugar.

Aqui fica mais este contributo da SHIP para as Comemorações do Infante D. Henrique. E os nossos sócios poderão, se assim o entenderem, mandar emoldurar este documento único, na certeza de que, à medida que os anos passarem, ele irá sempre tendo maior valor.

# PROGRAMA DAS CELEBRAÇÕES DO 800.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE STO. ANTÓNIO (PÁDUA)



## Celebrações Religiosas

15	Febbraio February mar.-venerdì ore 17.45 p.m.	Apertura del Centenario: Preside il card. Antonio Riboldi, Patriarca di Lisbona, città natale di S. Antonio.
19	Febbraio February dom.-Sab. ore 11.45 ore.	Festa della traslazione delle Reliquie del Santo. Pontificale di S.E. Mons. Marcello Costantini, Delegato pontificio.
24	Febbraio February ven.-Fid.	Pellegrinaggio dei vescovi del trivereto, presieduto dal card. Marco G. Patriarca di Venezia.
1	Marzo March venerdì della Ceneri.	Inizio della Santa Quaresima e dei pellegrinaggi delle Vicarie della diocesi di Padova.
	Marzo March	Pellegrinaggio dei Ministri provinciali delle quattro famiglie francescane d'Italia.
	Maggio May	Pellegrinaggio Movimento Francescano (de) Nord-Est.
1	Giugno June gio.-Sab.	Inizio della Triduo in onore di S. Antonio, con la partecipazione delle diocesi vicine.
11	Giugno June dom.-Sab.	Pellegrinaggio del capitolo generale Frati Minori Conventuali da Assisi.

12	Giugno June lan.-Mer. ore 21.45 p.m.	"Trasito del Santo": rievocazione storica del ritorno di S. Antonio da Camposampiero all'Arzella.
13	Giugno June mar.-Ven. ore 11.45 o.c.	Solennità di S. Antonio: Pontificale di S.E. Mons. Antonio Mattarzo, vescovo di Padova.
13	Giugno June mar.-Ven. ore 17.45 p.m.	S. Messa e solenne processione cittadina, presieduta dal Delegato Pontificio.
15	Agosto August mar.- Ven.	Anniversario della nascita di S. Antonio.
	Settembre September	Ritorno gruppo recitativi giovanili del trivereto.
17	Settembre September dom.-Sab.	Festa delle Stimmate di San Francesco.
18	Settembre September lan.-Mer.	Fraternità dei Frati Minori Conventuali di Assisi. Convegno della Religione del Monte.
15	Ottobre October dom.-Sab.	Anniversario dell'elezione del Papa. Celebrazione di ringraziamento.
29	Settembre September dom.-Sab.	Inizio della novena dell'Immacolata.
8	Dicembre December gio.-Fid.	Solenni celebrazioni di chiusura del Centenario Antoniano.

## Iniziative sociali e caritative

- Inaugurazione della casa  
"San'Antonio" in Padova, per  
l'accoglienza di nuclei sieropositivi, in  
collaborazione con la diocesi di Padova.
- Progetti umanitari per i "Meninos  
de Rua" del Brasile.

Centro d'accoglienza ad  
Alagoinhas/Bahia.

Scuola professionale di São Bernardo  
do Campo/São Paulo.

Centri di reinserimento sociale a  
Campo Limpo/São Paulo.



## Manifestazioni culturali

	Dicembre December 1994	Concerto dell'Orchestra di Padova e del Veneto: IX Sinfonia di Beethoven.
16	Febbraio February gio.-Fid. ore 11.45	Genellaggio tra città di Lisbona e Padova. Concerto di "Trasfigurazione e l'antico angeliare della patria popolare", organizzato dal Messaggero di San'Antonio e dalla sezione di Padova della Fondazione Teologica dell'Italia Settentrionale: Giuseppe "Toni" Venuti.
2	Aprile April dom.-Sab.	Apertura Museo Antoniano: esposizione permanente del patrimonio artistico triveretino, tessuti, dipinti, ex- voto della Basilica del Santo.
9	Aprile-April dom.-Sab.	Apertura della mostra "20 capitoli per San'Antonio".
23	Aprile-April dom.-Sab.	Premiazione del Concorso Nazionale della Bontà.
	Maggio-Ottobre May-October	"L'antico S. Antonio": Visite guidate alla Basilica e ai luoghi antoniani di Camposampiero e dell'Arzella. Letture, musica, momenti musicali, film.
1	Maggio May lan.-Mer.	Concerto dell'Orchestra di Padova e del Veneto G. B. Ferradini. Cantate sacre.
29	Maggio May Giovedì June	Convegno "L'Avvia e le vite di San'Antonio", organizzato dal Centro Studi Antoniano in collaborazione con il Rettore dell'Università di Padova.
10	Giugno-June sab.-Sab.	Concerto de "I Solisti Veneti". Partecipazione del Coro del "Londra".
21	Giugno June mar.-Ven.	Concerto de "La Scala" di Milano diretta dal M° Carlo Maria Giulini e con la partecipazione del mezzosop- rano Lucia Valentini Terrani.
	Settembre- September Settembre- September	"Restituzione" delle opere d'arte restaurate: Oseorio di San Giorgio, Cappella di San Giacomo, Mausoleo di Gattamelata, Colonna della Visione a Camposampiero.
18	Ottobre October mar.-venerdì ore 11.45	Convegno "La devozione di San'Antonio nel mondo", organizzato dal Messaggero di San'Antonio, con l'intervento di giornalisti e ricercatori.
6	Dicembre December mar.-venerdì	Concerto di chiusura dell'Orchestra di Padova e del Veneto: Musiche di Giuseppe Tartini.

Come arrivare alla Basilica:

- in treno: stazione FFSS di  
Padova, autobus n. 8-12-18
- in auto: seguire la segnaletica  
e parcheggiare in Prato della  
Valle.

Per ogni informazione

Segreteria del Centenario:  
OPA - Informazioni Turistiche:  
Messaggero di S. Antonio:  
Basilica del Santo:

Tel. 049/8753321 - Fax 87553911  
Tel. 049/8763048 - Fax 7700030  
Tel. 049/8225000 - Fax 8225650  
Tel. 049/663944 - Fax 663179

## O BRASIL ESPELHO DE PORTUGAL

Num artigo que teve a má sina de ser publicado num jornal diário, onde ficou abafado pelo tumulto dos acontecimentos cotidianos, perguntámos: «Mas o que é, na realidade, Portugal?», acrescentando: «Eis um tema que proponho, não só a Moura e Sá mas à nossa geração, um tema a tratar por vários escritores numa espécie de inquérito, ou melhor, num trabalho a realizar por uma equipe. O que é que os escritores portugueses de hoje pensam sobre Portugal-povo e Portugal-cultura, qual a classificação exacta do nosso carácter e do nosso génio, qual a definição, enfim, da nação a que pertencemos?».

Apesar de assim solicitado, o crítico literário Pedro de Moura e Sá, achando interessante a sugestão, não deu um passo para que esse inquérito se realizasse. Os outros escritores da nossa geração, se dessa ideia se ocuparam foi às mesas dos cafés. E no entanto, o assunto merecia que cada um, antes de se sentar à sua secretária, fizesse esta reflexão: Pertence a um país chamado Portugal, faço parte de um povo que tem o nome de português. Esse povo descobriu meio-mundo, criou uma grande nação na América, deixou o seu rasto por todos os mares e continentes, conserva ainda vastas e numerosas colónias, fala uma língua própria, possui uma literatura, teve uma escola de pintura, um estilo de decoração arquitectónica, tem um folclore, uma mitologia (assim o demonstrou João de Castro Osório, criando uma *Tetralogia* portuguesa sobre os contos maravilhosos da tradição popular). Se quiser, porém, definir a sua alma, caracterizar a sua psicologia, fixar o seu tipo moral, não sei, ao certo, o que devo pensar. É ele triste ou alegre, paciente ou impulsivo, realista ou idealista? Cada escritor diz o que lhe parece, e eu também não poderei dizer senão aquilo que julgo, sem provas, ou antes, sem que um juízo definido, aceite por muitos, me dê a convicção de estar na verdade.

O caso psicológico do português tem isso de extraordinário: que indiferentemente lhe atribuem, tanto nacionais como estrangeiros, as características da tristeza e da alegria, da paciência e da impulsividade, do realismo e do idealismo. Inclina-mo-nos a crer que essa incerteza na classificação do português provém do facto de ele ser solicitado por tendências opostas. Dizem-no doce e sensual, e os seus heróis, de Afonso de Albuquerque a Mouzinho, são homens duros e austeros. Dizem-no lírico e sonhador, e os seus homens do mar dedicaram-se ao

comércio com um espírito autenticamente realista, que vemos hoje manifestar-se nos emigrantes. É certo que tendências opostas podem coexistir no mesmo povo, como no mesmo indivíduo. A característica psicológica de um povo pode consistir, mesmo, no facto de ele ter uma dualidade de tendências. Gilberto Freyre, mestre da história social do Brasil, entende que o que condiciona «a vida, o esforço, a morte, a fortuna, a herança do português» é a sua «dualidade capital de tendências: a da aventura e a da rotina», e não só do «português-indivíduo», nem só do «português-povo», mas do «português-cultura» — plano este em que, segundo esse brasileiro, «somos um conjunto de valores e de sentimentos, brasileiros, portugueses e luso-descendentes das ilhas, da África, da Ásia».

Não oferece dúvida que a necessidade de saber o que somos é um problema que preocupa todos os portugueses intelectuais. Não se explicaria, de outra forma, o interesse que os leitores portugueses votam às Histórias de Portugal. Não são os romances, os dramas, os poemas os ensaios de crítica, de filosofia ou de moral que o público leitor procura, mas as obras de História. Entendo, porém, que a pesquisa do nosso carácter de povo não deve ser conduzida nesse sentido, pois não é no Passado que podemos encontrar o espelho da nossa alma; menos ainda no Passado de que os historiadores portugueses se ocupam, em geral; o dos feitos militares e dos actos políticos. Precisamos de buscar a nossa imagem no Presente, servindo-nos da antropologia cultural. Foi no que a esta pertence que Gilberto Freyre reconheceu as marcas profundas deixadas pelos portugueses no Brasil.

Não sei de maior homenagem nem de maior serviço prestado a Portugal, no ano de 1940, que a Conferência realizada, no Recife, por esse brasileiro, «para comemorar o Centenário da Fundação de Portugal e o da Restauração de 1640». Intitula-se, essa conferência, *Uma cultura ameaçada: a luso-brasileira*; para a sua edição em opúsculo chamei já, sem resultado, a atenção dos portugueses; volto agora a proclamar que em nenhum outro espelho nos podemos rever tão nitidamente, tal como somos. Nessa conferência, o autor, já hoje célebre, de *Casa-Grande & Senzala*, explica perfeitamente a razão pela qual parecemos, aos olhos de estranhos e, mesmo, de alguns portugueses, não ter um carácter bastante acentuado, como aquele que o espanhol apresenta ao golpe de vista mais superficial.

«Já tive ocasião de afirmar uma vez, a propósito da arte erudita e popular dos portugueses, o que agora vou repetir com

sentido mais largo: que a história inteira dos portugueses — e não apenas a das artes — os revela um povo com uma capacidade única de perpetuar-se noutros povos. Mas sem que o povo português tenha feito nunca dessa perpetuação uma política biológica e anti-cristã de exclusividade; nem exclusividade de raça nem exclusividade de cultura».

«Ao contrário: o português se tem perpetuado, dissolvendo-se sempre noutros povos a ponto de parecer ir perder-se nos sangues e nas culturas estranhas. Mas comunicando-lhes sempre tantos dos seus motivos essenciais de vida e tantas das suas maneiras mais profundas de ser que passados séculos os traços portugueses se conservam nas faces dos homens das cores diversas, na fisionomia das casas, dos móveis, dos jardins, nas formas das embarcações, nas formas dos bolos. Toda a obra de colonização lusitana — e não apenas a sua arte — está cheia dos riscos de tão esplêndida aventura de dissolução. Portugal seguiu na sua política colonizadora aquelas palavras misteriosas das Escrituras: ganhou a vida perdendo-a. Dissolvendo-se».

Mas, dissolvendo-se, o português não desapareceu, porque, como acrescenta Gilberto Freyre, essa «aventura de dissolução» foi acompanhada do «gosto da rotina» — «gosto de que o português tem sido acusado como se fora uma inferioridade e que é entretanto metade da sua força; o segredo dele prolongar-se hoje num Brasil que cada dia se torna uma afirmação mais forte das possibilidades continentais — porque a América portuguesa é um continente — da cultura de origem portuguesa, tornada aqui plural, aberta a outras culturas, conservados os valores tradicionais portugueses como o necessário lastro comum, conservada a língua portuguesa como instrumento nacional único de intercomunicação verbal entre os brasileiros de todas as regiões e de todas as procedências, não só por sentimento de tradição como por necessidade prática de articulação das mesmas regiões em nação ou, antes, em larga democracia social, conservado o cristianismo que os portugueses trouxeram a esta parte da América como a forma apolítica mas igualmente nacional ou geral — tão nacional ou geral como a língua — dos brasileiros de origens diversas se intercomunicarem senão sempre religiosamente, eticamente...».

E nesse «continente» que Portugal se retrata melhor; é na América portuguesa que podemos encontrar a definição de nós próprios.

JOSÉ OSÓRIO DE OLIVEIRA  
(Revista "Independência" - n.º 1, Ano I, Dezembro de 1940)

# ANTÓNIO MARIA FONTES PEREIRA DE MELO

## (APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS)

- Nasceu a 8 de Setembro de 1819

- Assentou Praça e Jurou Bandeira como Praça de Aspirante a Guarda Marinha em 13 de Agosto de 1833.

- Frequentou e foi aprovado no 1.º Ano de Matemática e Premiado em 12 de Julho de 1834.

- Embarcou na Escuna Faial em 21 de Junho de 1835.

- Frequentou e foi aprovado no 2.º Ano de Matemática em 18 de Julho de 1835.

- Promovido a Guarda Marinha Graduado em 3 de Novembro de 1835.

- Frequentou e foi aprovado no 3.º Ano de Matemática e do Observatório Real da Marinha em 15 de Junho de 1836.

- Frequentou e foi aprovado em Artilharia Teórica e julgado "estudante distinto" em 23 de Junho de 1836.

- Desembarcou da Escuna Faial em 15 de Setembro de 1836.

- Foi nomeado para o Registo do Porto em 16 de Setembro de 1836.

- Frequentou e foi aprovado em Aparelho e Manobra em 27 de Setembro de 1836.

- Saiu do Registo do Porto em 3 de Outubro de 1836.

- Frequentou e foi aprovado em língua francesa e inglês em 14 de Outubro de 1836.

- Frequentou e foi aprovado em Artilharia Prática e Manejo de Armas de Mão Brancas e de Fogo em 15 de Outubro de 1836.

- Promovido a Guarda Marinha Efectivo em 3 de Maio de 1837.

- Por unanimidade de votos foi declarado digno e merecedor do Prémio referente ao Decreto de 22/Outubro/ 1805, em 13 de Maio de 1837.



*A. M. de Fontes P. de Melo*

- Frequentou e foi aprovado com prémio no 1.º Ano da Escola Militar de Fortificação, Artilharia e Desenho em 1837.

- Frequentou e foi aprovado na Classe de Esgrima em 19 de Julho de 1838.

- Completou o Curso da Escola Militar de Fortificação, Artilharia e Desenho em 1839.

- Ajudante de Ordens do Governador da Província de Cabo Verde em 27 de Julho de 1839.

- Engenheiro Director das Obras Públicas de Cabo Verde, de 1839 a 1842.

- Promovido a Tenente em 20 de Julho de 1841.

- Regressou de Cabo Verde em 17 de Agosto de 1842.

- Pede autorização, que lhe é concedida, para assistir às novas aulas e cadeiras da Escola Politécnica em 3 de Outubro de 1842.

- Colocado na 3.ª Secção do Exército em 6 de Dezembro de 1843.

- Ajudante de Ordens do Duque de Saldanha nas Campanhas de 1846/1847.

- Adido à Repartição do Quartel Mestre General em 20 de Outubro de 1846.

- Tomou parte na Acção de Torres Vedras em 22 de Dezembro de 1846.

- Cavaleiro da Torre e Espada em 20 de Janeiro de 1847.

- Cavaleiro da Ordem de Isabel a Católica em 20 de Setembro de 1847.

- Deputado por Cabo Verde às Corts. de Abril de 1848 a 1850.

- Incumbido de tratar o programa da Revista Militar, fazendo a Introdução no primeiro número de Janeiro de 1849.

- Passou a servir provisoriamente em Cabo Verde em comissão especial em 11 de Agosto de 1849.

- Regressa de Cabo Verde em 11 de Janeiro de 1850.

- Promovido a Capitão em 29 de Abril de 1851.

- Nomeado Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar em 7 de Julho de 1851.

- Nomeado interinamente Ministro dos Negócios da Fazenda em 21 de Agosto de 1851.

- Transferido de Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar, para o de Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda em 4 de Março de 1852.

- Encarregado interinamente do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria de 30 de Agosto de 1852 a 1856.

- Passa à Classe de Oficiais em Comissões Activas em 23 de Junho de 1857.

- Encarregue da Pasta do Reino em 1859.

- Nomeado interinamente na Pasta dos Negócios da Marinha e Ultramar em 17 de Março de 1860.

- Opta pelo lugar de Vogal do Conselho Ultramarino em 16 de Agosto de 1865.

- Promovido a Major em 10 de Outubro de 1865.

- Ministro interino do Ministério da Guerra de 9 de Maio de 1866 a 4 de Janeiro de 1868.

- Graduado no Posto de Tenente-Coronel em 30 de Junho de 1868.

- Durante a vigência na Pasta da Guerra 1866/1868 determinou:

- Estabelecimento do Campo de Instrução e Manobra em Tancos no ano de 1866.

- Compra de 5.000 espingardas Enfield.

- " de 8.000 carabinas e 2.000 clavinas Westley-Richards.

- Compra de 2 milhões de cartuchos embalados para carabinas.

- Compra de 500 mil cartuchos embalados para clavinas.

- Melhoramentos no Arsenal do exército para o fabrico de pólvora melhor e colocação de novas máquinas nas diversas oficinas.

- Fabrico no Arsenal do Exército de:

6 baterias de montanha de 8.

2 " de campanha de 12.

3 " de reserva de 12.

- Compra de cavalos e muars para a artilharia e equipagens.

- Aquisição de novos artigos de equipamento para Oficiais e Praças.

- Promulgação de diversas instruções.

- Constituição de duas comissões, uma para estudar o Plano de Fortificação para Lisboa e seu porto; a outra foi encarregue de propôr a reforma orgânica do Exército, a do Ministério da Guerra e as Leis mais apropriadas para um bom sistema de promoções e recompensas.

- Mandou continuar as obras de fortificação de Monsanto.

- Criou o Montepio Oficial e promulgou o Regulamento Geral para os Serviços dos corpos do Exército.

- Passa a efectivo do Quadro da Arma de Engenharia em 30 de Março de 1870.

- Nomeado Comendador da Ordem Militar de São Bento de Aviz e elevado à dignidade de Grã-Cruz da mesma Ordem em 1 de Março de 1871.

- Nomeado Ministro Interino da Pasta da Guerra em 13 de Setembro de 1871.

- Passou a Ministro efectivo da Guerra de 11 de Outubro de 1872 a 5 de Março de 1877.

- Destaca para Tancos o Batalhão de Engenharia para que as tropas recebessem instrução prática da construção e da reparação de obras de fortificação e de Edifícios Militares. Podendo-se dizer que equivaleram ao lançamento da primeira pedra da Escola Prática de Engenharia em 1874.

- Promovido a Coronel de 7 de Março de 1877.

- Presidente do Conselho de Ministros e Ministro da Guerra em 29 de Janeiro de 1878.

- Durante a vigência na Pasta da Guerra determinou:

- Chamamento da reserva.

- Ensaio de reconhecimentos itinerários e estatísticos.

- Compra de material para os parques de engenharia.

- Fabrico de artilharia de bronze estriada.

- Compra de artilharia de aço, estriada para as baterias de campanha.

- Distribuição de carabinas Westley-Richards aos serventes dos Regimentos de Artilharia.

- Aumento dos efectivos em homens e gado nos corpos de Cavalaria.

- Compra de arreios, correame e equipamentos.

- Carabinas Snider-Barnett para a Cavalaria.

- Compra de armas para a Infantaria.

- Transformação do armamento antigo no Arsenal do Exército, adquirindo-se para isso máquinas novas.

- Organização do material de ambulâncias para o exército.

- Ensaio de organização do Corpo Telegráfico Militar.

- Estabelecimento das linhas para serviço da Guarnição de Lisboa.

- Continuação das obras da defesa de Lisboa.

- Compra de 36 bocas de fogo de campanha, sistema Krupp.

- Compra de 10 canhões de praça e costa, sistema Krupp.

- Compra de 10.000 armas Snider.

- Compra de 1.200 carabinas.

- Compra 3.000 espadas para cavalaria.

- Compra de 20.000 correames e equipamentos completos.

- Compra de metal para cartuchos.

- Promulgação do Código de Justiça Militar.

- Promulgação do Regulamento Disciplinar.

- Reforma da tática de Infantaria.

- Organização da Escola e Serviço de Torpedos.

- Organização de uma escola de Cavalaria (esta não se chegou a fundar).

- Reorganização da Arma de Artilharia.

- Aumento do soldo aos Capitães e subalternos.

- Criação da Praça de Monsanto, como de 1.ª classe.

- Aquisição de 6 baterias, completas

em pé de guerra, a seis peças de 8, sistema prussiano, num total de 36 peças Krupp.

- Aquisição de 14 baterias, completas em pé de guerra a seis peças de 9, total 84 peças Krupp.

- Aquisição de 20 canhões de sítio e praça de 15, Krupp.

- Aquisição de 4 canhões de costa de 15, Krupp.

- Aquisição de 6 canhões de costa de 28, Krupp.

- Exonerado, a seu pedido, dos cargos de Presidente do Conselho de Ministros e de Ministro da Guerra em 1 de Junho de 1879.

- Promovido a General de Brigada em 25 de Setembro de 1879.

- **Eleito Presidente da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, então Comissão Central 1.º de Dezembro - 1640, em 1880.**

- Nomeado Director Geral da Engenharia e Comandante do Corpo de Estado Maior de 5 de Abril a 14 de Novembro de 1881.

- Nomeado Presidente do Conselho de Ministros que acumulou com a Pasta da Fazenda em 1 de Novembro de 1881.

- Nomeado interinamente Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Guerra em 14 de Novembro de 1881.

- Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda em 15 de Novembro de 1881.

- Ministro efectivo da Pasta da Guerra em 24 de Outubro de 1883.

Tendo determinado:

- Comissão destinada a reformar a Escola do Exército.

- Comissão destinada a reparar o estabelecimento de uma Escola de Infantaria e Cavalaria (uma vez que esta última não se tinha fundado).

- Para as obras de fortificação de Lisboa foram dados 150 contos.

- Para obras em quarteis 50 contos.

- Reorganização do Exército tendo como bases o serviço obrigatório e o recrutamento e guarnições regionais.

- Lei que destinou empregos públicos aos Oficiais inferiores, que tenham bem servido no Exército.

- Estudo da transformação do material sanitário.

- Fixação de 120 mil homens para pé de guerra para o Exército.

- Criação de seis regimentos de Infantaria.

- Criação de 2 regimentos de Cavalaria.

- Criação de um regimento de Artilharia Montada.

- Compra de 40 mil armas para a Infantaria.

- Compra de 60 peças de aço de campanha.

- Compra de 20 peças de sítio e praça.

- Organização e Instrução das Reservas.

- Aquisição de equipamentos de pontes à Belgica para o Regimento de Engenharia.

- Aquisição de 6 mil armas para caçadores.

- Aquisição de 3 mil armas para cavalaria de repetição e sistema Kropatschek.

- Novo Regulamento para a Instrução e Tática de Cavalaria.

- Estabelecimento de um cordão sanitário nas fronteiras.

- Novo Plano de Uniformes 1885.

- Organização militarmente dos Serviços de Fiscalização Alfândegária.

- Em 1881 a Escola Regimental Prática

de Engenharia (E.R.P.E.), passa a designar-se por Escola Prática de Engenharia, e é criado e organizado o primeiro Regimento de Engenharia, facto de maior relevância na evolução da Engenharia Militar, porque o nascimento desta Unidade, em complemento da recém-criada Escola, firmava, definitivamente, a característica da Engenharia como Arma, elevando-a, entre nós, ao nível que em todos os Exércitos já adquirira.

O regimento, todo ele constituído por pessoal privativo da Engenharia, abarca as quatro especialidades conhecidas na época: os sapadores-mineiros, os Pontoneiros, os Telegrafistas e os Caminhos de Ferro.

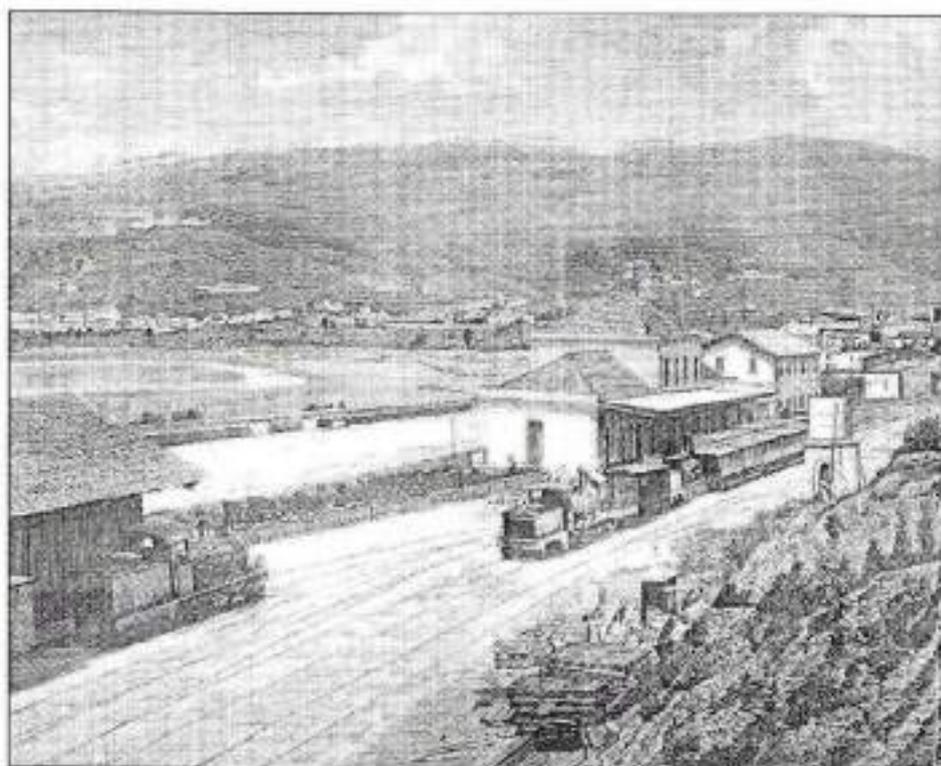
- Concedidas as honras de Ajudante de Campo do rei em 2 de Abril de 1886.

- Promovido a general de Divisão em 30 de Junho de 1886.

- **Faleceu com o Posto de General de Divisão, Conselheiro de Estado e Presidente da actual Sociedade Histórica da Independência de Portugal em 22 de Janeiro de 1887.**

Conden.

Dr. Manuel A. Ribeiro Rodrigues



CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES - ESTAÇÃO E TUNEL DA RÓDIA, NO CAMINHO DE FERRO DO DURO 1864



## EMÍLIA DE SOUSA COSTA

Escritora, natural de Lamego (1877-1959).

Mulher do escritor Alberto Mário de Sousa Costa (1879-1961). Iniciou a sua carreira literária como tradutora de livros jurídicos e didácticos, destinados à Universidade de São Paulo (Brasil). Dedicou-se depois, com verdadeiro afincamento e entusiasmo, à literatura infantil, tendo dirigido duas colecções de livros dedicados às crianças: *Biblioteca Infantil* (iniciada em 1918, Lisboa), e *Biblioteca dos Pequeninos* (iniciada em 1927, Lisboa). A sua obra, neste género, é muito vasta: *Primeiras Lições* (1914); *Memórias de Lili* (1916); *Polichinelo em Lisboa* (1918); *Castelos no Ar* (1918); *Polichinelo em Trás-os-Montes* (1918); *Trinta Mil por Uma Linha* (1919); *Polichinelo no Minho* (1921); *Memórias de El-Rei Papão* (1923); *Histórias Maravilhosas* (1923); *No Tempo em Que Tudo Falava* (1925); *O Peru Aviador* (1927); *Contos do Joãozinho* (1927); *Mosquitos por Cordas*; *Aventuras da Carochinha Japonesa* (traduzido em espanhol); *História do Menino Jesus* (abençoado por Pio XI e traduzido em espanhol e italiano); *Caixinha dos*

*Segredos*; *História da Fealinda*; *Contos dos Meus Netinhos*.

Escreveu também livros educativos, históricos ou literários para adultos: *Moral Prática Elementar*; *A Mulher no Lar*; *Economia Doméstica*; *Ideias Antigas de Mulher Moderna*; *Males de Amor*; *O Último Enforcado*; *Na Sociedade e na Família*; *A Mulher Educadora*; *Como Eu Vi o Brasil*; *Cartas a Uma Brasileira*; *A Vida nos Ensina*, etc. Realizou numerosas conferências em Lisboa, Porto, Madrid e Rio de Janeiro, algumas das quais foram, posteriormente, publicadas em volume: *O Poeta do Amor*; *Guerra Junqueiro e a Mulher*; *Olha o «Malícia e a Maldade das Mulheres»*; *Maria Amália Vaz de Carvalho*; *António Correia de Oliveira – Príncipe dos Poetas – Alma de Portugal*, etc. Deixou colaboração dispersa por jornais portugueses, brasileiros e argentinos. Era condecorada com a Ordem de Sant'Iago da Espada. Fez traduções de autores estrangeiros, nomeadamente dos irmãos Grimm. Usou os pseudónimos de *Maria Valverde* e de *Dolores de Sousa*.

## ESTEVÃO AMARANTE DA SILVA

Actor insigne, nasceu a 9 de Janeiro de 1889, em Lisboa e faleceu a 6 de Dezembro de 1951, no Porto.

Artista de elevado valor pelas suas notáveis criações, é uma das primeiras figuras do nosso teatro. Tendo-se estreado, ainda criança, em 2 de Abril de 1901, no teatro Infante, que existiu na Avenida da Liberdade, numa companhia infantil, desempenhando na mágica *A história da Carochinha*, de Eduardo Schwalbach, o papel de «Boi», no mesmo

teatro, e já em papéis de maior importância, tomou parte nas representações da pantomima *A Volta da Índia* e da peça sacra *Gabriel e Lusbel* ou *o Taimaturgo* (Santo António). Tendo estado alguns anos afastado da cena, voltou em 1905 a aparecer em sociedades de amadores e em teatros populares com um repertório de canções, entre as quais figurava *Toma lá cerejas*, que lhe valia os maiores aplausos. Foi devido a esse número que entrou, em 1906, para o Avenida, cantando-o no quadro dos teatros da revista *P'rá frente*. Graças ao seu talento histriónico, iniciou nesse momento a sua rápida ascensão ao lugar de destaque que ocupou. Tendo pertencido ao elenco de várias organizações de operetas, revistas e comédias, e sendo, longas temporadas, empresário e director artístico da companhia Satanela-Amarante, representou centenas de obras de todos os géneros.



Estevão Amarante, que foi também um distinto ensaiador, percorreu toda a província e ilhas, indo por diversas vezes ao Brasil, escriturado ou com companhias suas. As suas composições de figuras populares são, por vezes, geniais, chegando a popularizar-se

extraordinariamente, assumindo o valor de protótipos; tal o carroceiro «Canga» que criou no Eden Teatro. Amarante, porém, demonstrou com facilidade ser um actor genérico de garra na alta comédia, como, por exemplo, nas suas criações quando, em 1935-36, trabalhou à cabeça da companhia do Teatro Nacional Almeida Garrett de Lisboa com Palmira Bastos, Adelina Abranches e Amélia Rey Colaço.

## NORBERTO DE MOREIRA ARAÚJO

Publicista, escritor. Nasceu em Lisboa no dia 21 de Março de 1889, tendo falecido na mesma cidade a 25 de Novembro de 1952.



Aos 14 anos, quando frequentava o liceu, por lhe terem falecido os pais, foi forçado a abandonar os estudos e, em 1904, entrou para a Imprensa Nacional, onde na respectiva escola se habilitou como artista gráfico, conquistando o primeiro prémio, no final da aprendizagem. Era, porém, muito grande o seu

desejo de se ilustrar, e com esforçada persistência conseguiu concluir o curso dos liceus, e, depois, frequentou o Curso Superior de Letras.

Em 1916, ingressou na redacção de *O Mundo*, e em 1917 na d' *A Manhã*, de que chegou a ser co-proprietário. Foi também redactor do *Diário de Notícias*, *Século da Noite* e *Diário de Lisboa*, em que se manteve, até morrer, como redactor principal.

São excelentes as suas reportagens internacionais, feitas em Espanha, França, Bélgica, Marrocos e Itália, e, neste país, a dos famosos acontecimentos de Setembro de 1919; acompanhou ao Brasil o falecido presidente da República, Dr. António José de Almeida, e, a Espanha, o presidente Carmona.

A sua actividade literária repartiu-se pelos mais diversos campos, desde os livros puramente técnicos sobre artes gráficas até à poesia. Como olisipógrafo deixou diversos trabalhos, onde perpassa um verdadeiro sopro de amor pelo povo humilde dos bairros populares, que ele conhecia como ninguém, sendo a alma dos seus festejos simples.

O teatro atraiu, também, a sua pena, e nele obteve êxitos com as peças *Dentro do castigo*, representada no teatro Nacional; *Negócio da China*, escrita de colaboração com Pereira Coelho e Alberto Barbosa e representada no demolido Eden-Teatro, em 1908; *Diálogo das duas mulheres*, representada no teatro da Trindade, e, depois, incluída no repertório do Conservatório, para exames finais; *O último romântico*, *O Amor Humilde*, *Por Bem*, peça portuguesa do séc. XIV. São os seguintes os livros que publicou, alguns com edições repetidas:

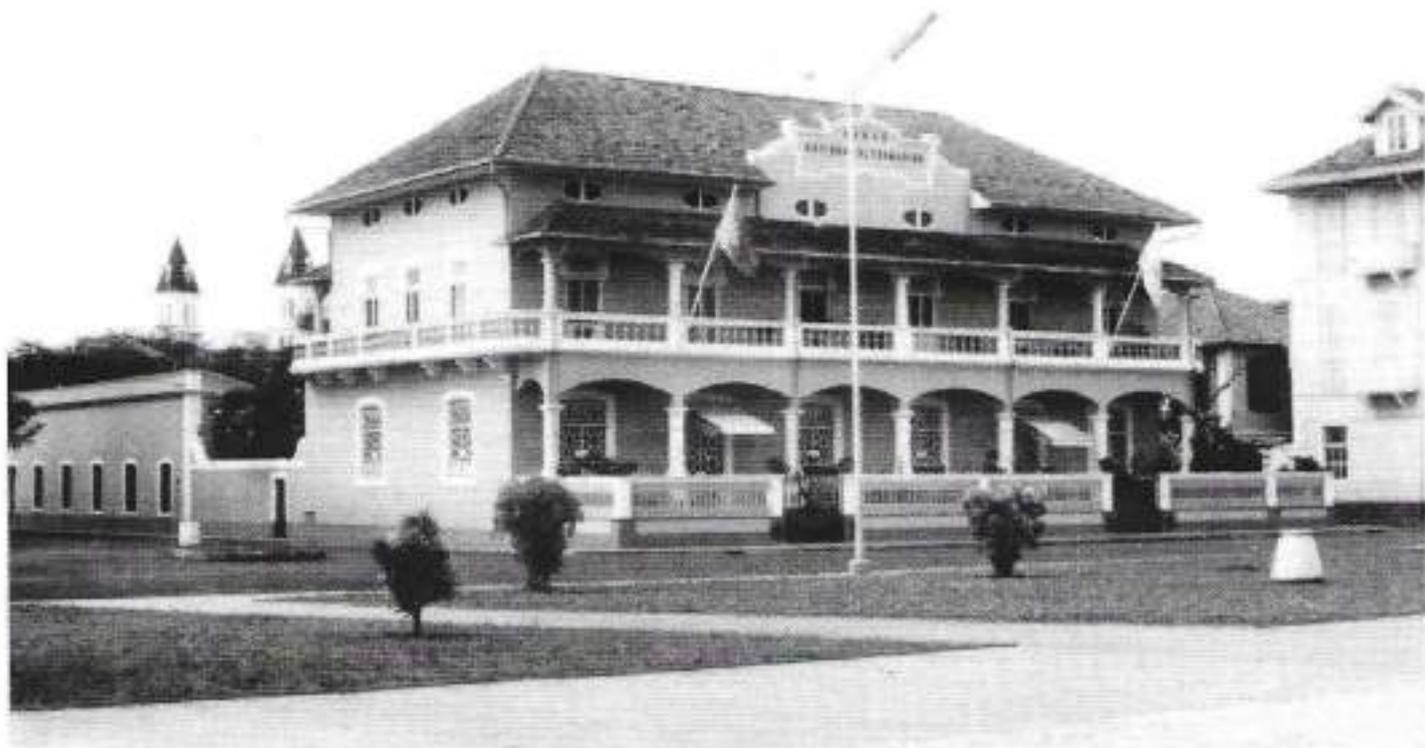
Democratização da Arte, 1914; Da Iluminura à Tricromia, 1915; Miniaturas, 1920; El loco de las estampas, Madrid, 1920; Dentro do castigo, teatro, 1922; varanda dos meus amores, 1922; O crime da carne branca, 1923; Vinha vindimada, 1924; A morte trágica de Fernando de Oliveira, 1924; Novela do amor humilde, 1925; Portugueses em Roma, 1925; Novela del Amor Humilde, Madrid, 1927; Murtosa, 1927; A transfusão de sangue, 1928; Passa longe o amor, 1929; Fado da Mouraria, 1931; A mulher que inventou o amor, s. d.; O homem que deu a vida, s. d.; O cão do palácio, s. d.; em Milão, estão (1937) traduzidos para italiano: O Fado da Mouraria e a Novela do Amor Humilde. Tinha as seguintes condecorações: oficial da ordem de Santiago; comendador da ordem de Cristo; comendador da ordem de Instrução; cavaleiro da ordem de Leopoldo da Bélgica; grande oficial da Coroa de Itália; oficial do Mérito Civil de Espanha e comendador de Isabel, a Católica.



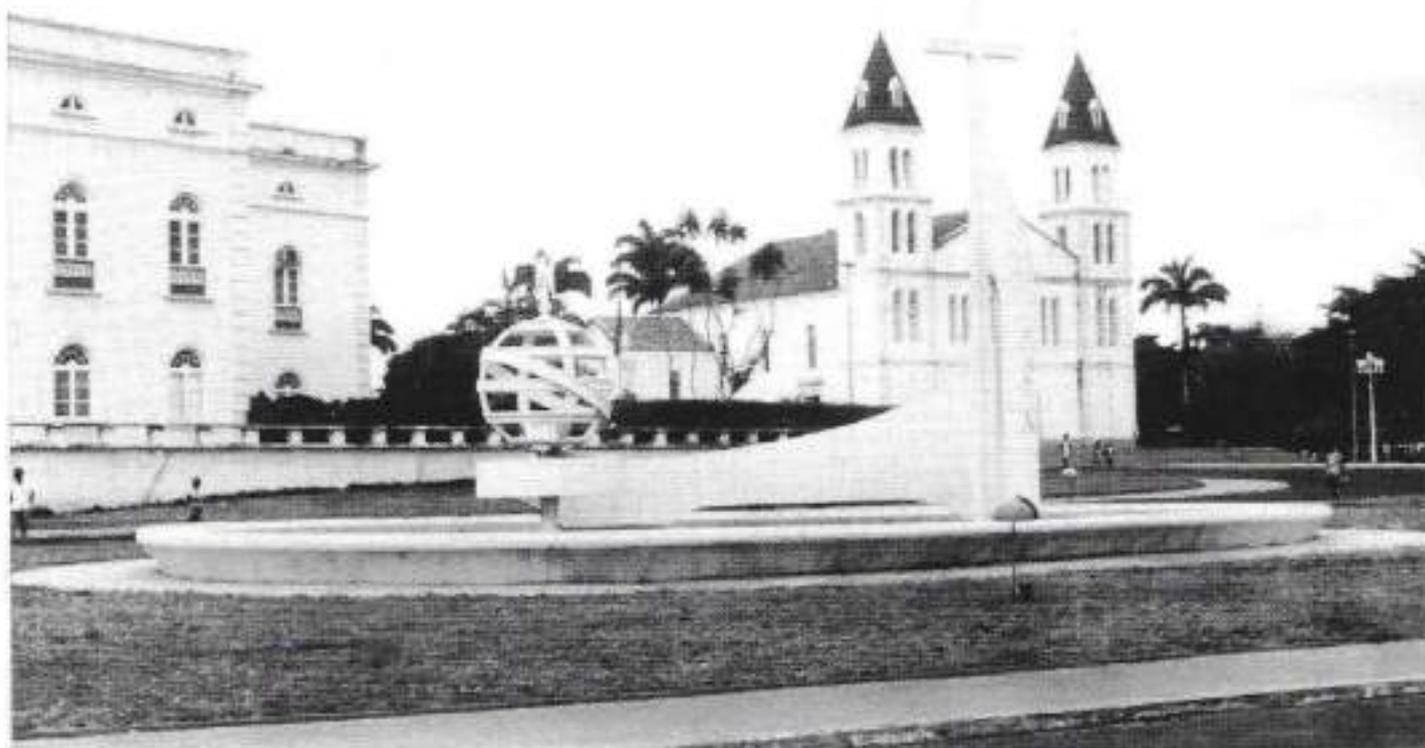
# A PRESENÇA PORTUGUESA NO MUNDO

## (Arquivo Iconográfico)

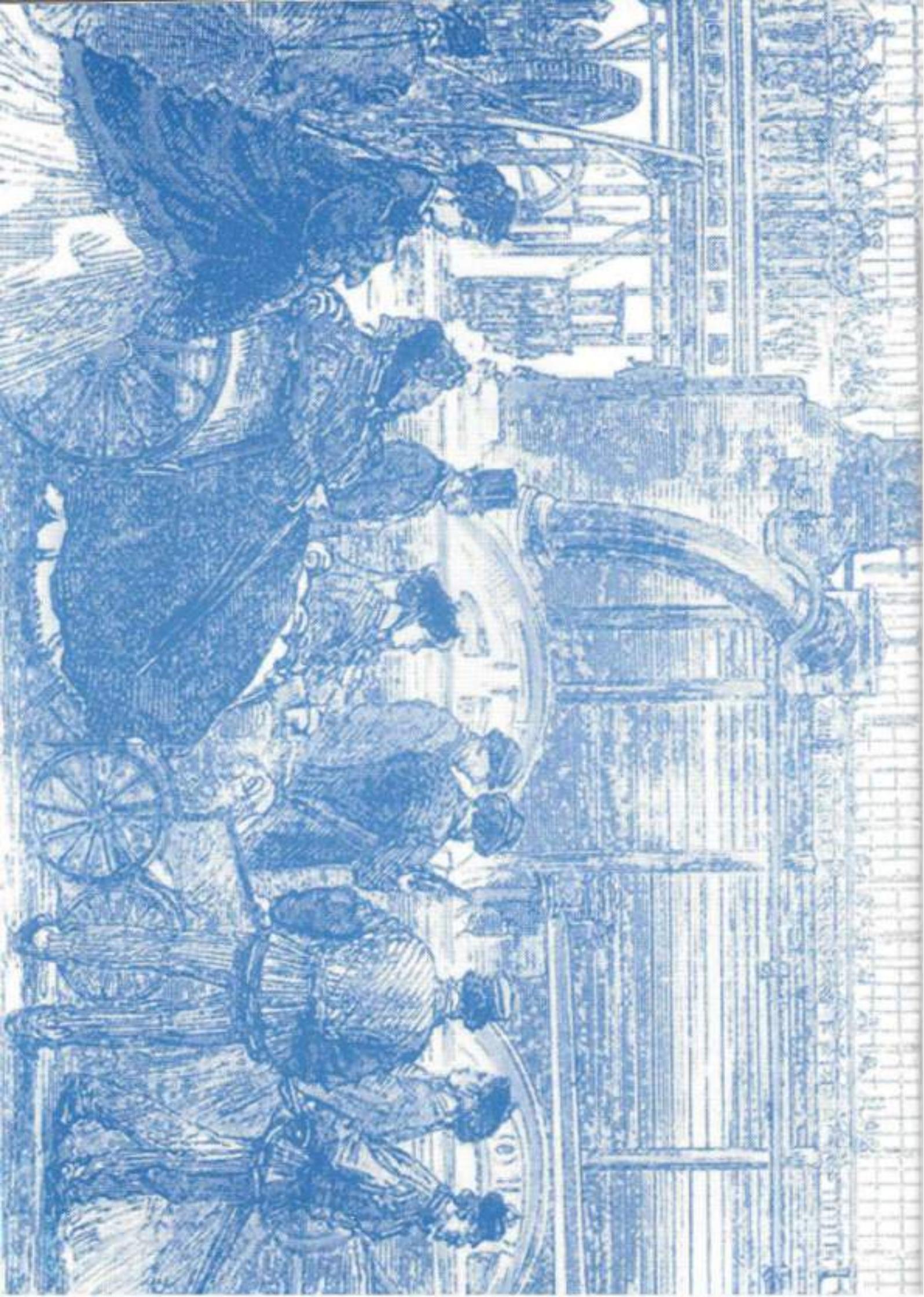
Neste espaço publicaremos em cada número do nosso Boletim ilustrações de um monumento, de um edifício, de uma fortaleza, de mapas de cidades ou povoações espalhadas pelo Mundo e a que estão ligados os Portugueses.



*Banco Nacional Ultramarino - São Tomé - 1966 (Fotografia tirada e cedida pelo Exmo. Sr. T. Coronel Pires Neves)*



*Igreja Matriz - São Tomé - 1966 (Fotografia tirada e cedida pelo Exmo. Sr. T. Coronel Pires Neves)*



**GENEALOGIA  
DO  
INFANTE D. HENRIQUE**

EDIÇÃO  
DA  
SOCIEDADE HISTÓRICA DA INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL

LISBOA  
1995

## ANTEPASSADOS FAMOSOS

- HUGO CAPETO, REI DE FRANÇA (987)
- SANCHO III, REI DE NAVARRA (1000)
- RAMON BERENGUER III, CONDE DE BARCELONA (1018)
- DUNCAN I, REI DA ESCÓCIA (1034)
- FERNANDO I, REI DE CASTELA E LEÃO (1035, 1037)
- GUILHERME I, REI DE INGLATERRA (1087)
- AFONSO VII, REI DE LEÃO (1126)
- ROGÉRIO II, REI DA SICÍLIA (1130)
- FREDERICO BARBA-ROXA, REI DA ALEMANHA E IMPERADOR DOS ROMANOS (1152, 1155)
- HENRIQUE VI, REI DA ALEMANHA, IMPERADOR DOS ROMANOS E REI DA SICÍLIA (1169, 1191, 1194)
- BELA III, REI DA HUNGRIA (1173)
- FILIPE AUGUSTO, REI DA FRANÇA (1180)
- AFONSO IX, REI DE LEÃO (1180)
- FREDERICO II, REI DA SICÍLIA E IMPERADOR DA ALEMANHA (1197, 1220)
- JOÃO SEM TERRA, REI DA INGLATERRA (1199)
- JAIME I, REI DE ARAGÃO (1213)
- SÃO FERNANDO, REI DE CASTELA E DE LEÃO (1217, 1230)
- SÃO LUIS, REI DE FRANÇA (1226)
- AFONSO X, REI DE CASTELA E DE LEÃO (1257)
- PEDRO III, REI DE ARAGÃO (1276)
- FILIPE IV, REI DE FRANÇA (1285)
- EDUARDO III, REI DE INGLATERRA (1327)

Séc. X

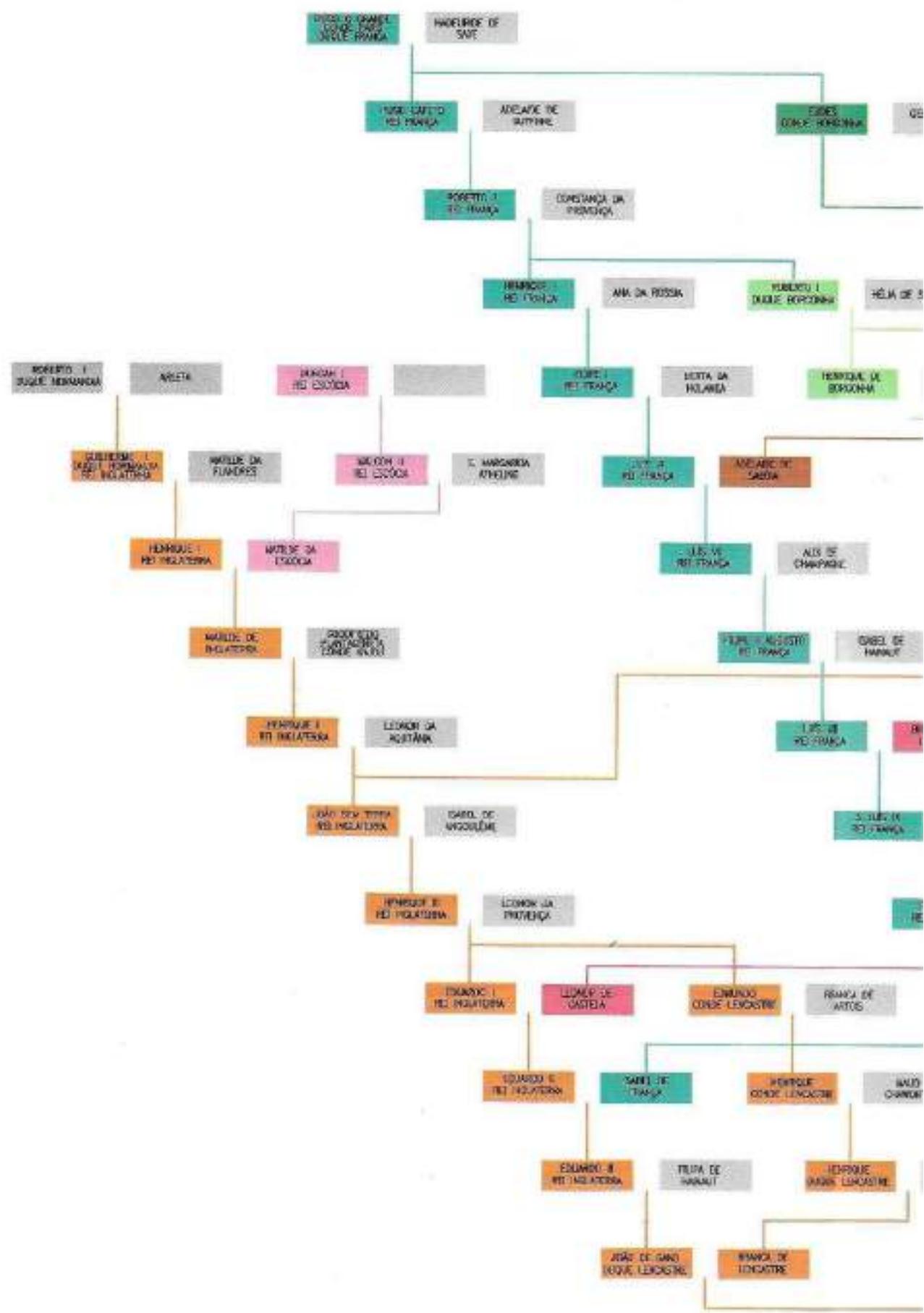
Séc. XI

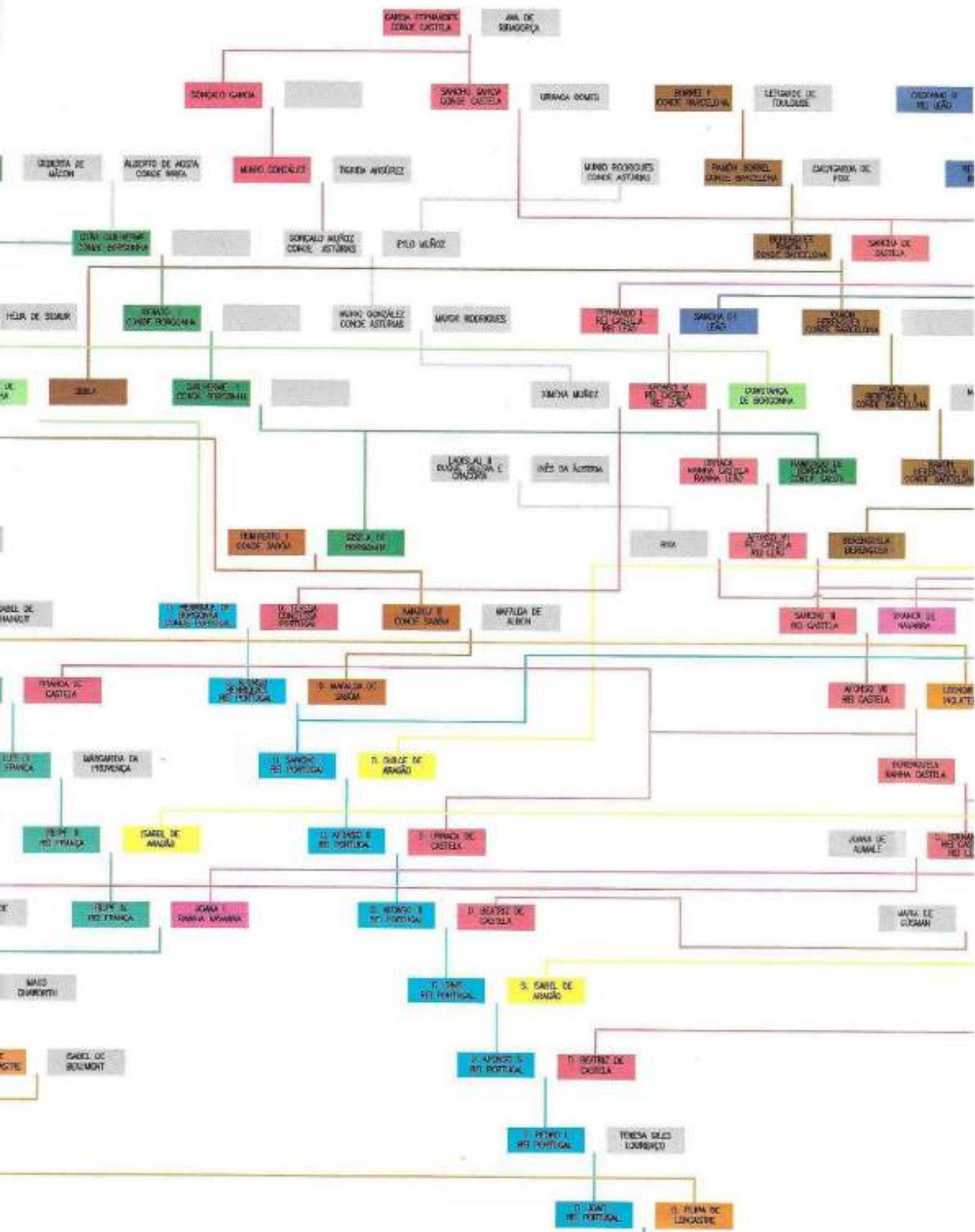
Séc. XII

Séc. XIII

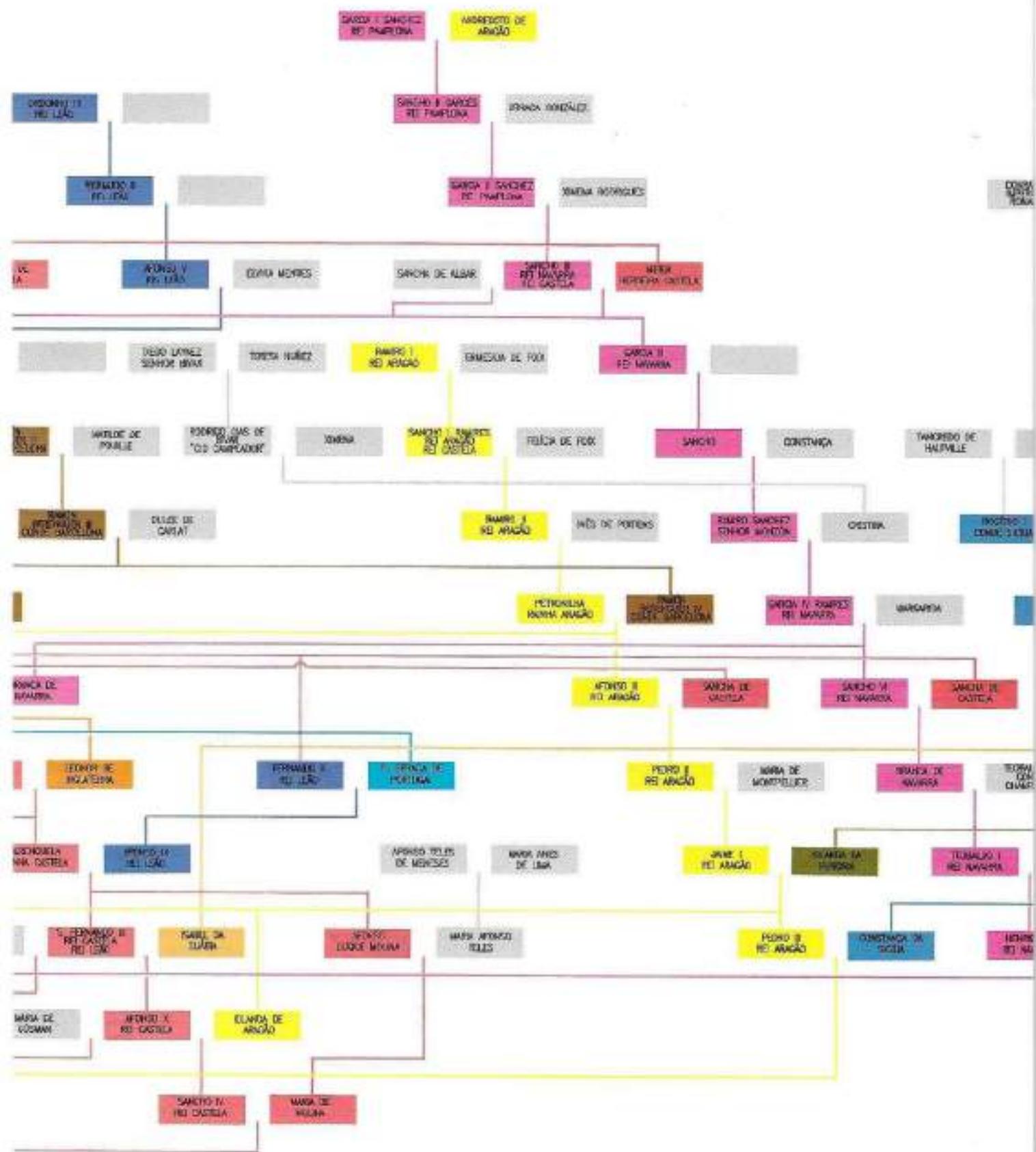
Séc. XIV

Séc. XV





Infonte  D. Henriques



Séc. X

Séc. XI

Séc. XII

Séc. XIII

Séc. XIV

Séc. XV



### LEGENDA

#### CASAS REINANTES E OUTRAS

- ARAGÃO
- BARCELONA
- BORGONHA CENITAL
- BORGONHA DUCAL
- CASTELA
- ESCÓCIA
- FRANÇA
- HOHENSTAUFEN
- HUNGRIA
- INGLATERRA
- LEÃO
- NAVARRA
- PORTUGAL
- SÁCCIA
- SICÍLIA
- VÁRSIA

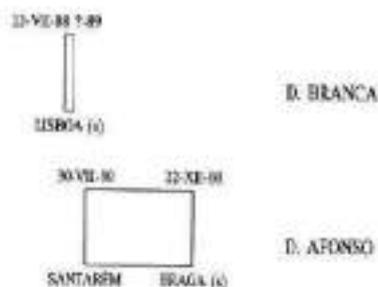
# OS FILHOS DE



D. JOÃO I



D. FILIPA DE LENCASTRE



## INCLITA GERAÇÃO

